



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

TATIANA GOMES CORREIA

AS MEMÓRIAS HÍBRIDAS DO ESCRITOR: UMA ANÁLISE DE
***MEMÓRIAS DO CÁRCERE*, DE GRACILIANO RAMOS.**

MACEIÓ

2013

TATIANA GOMES CORREIA

**AS MEMÓRIAS HÍBRIDAS DO ESCRITOR: UMA ANÁLISE DE
MEMÓRIAS DO CÁRCERE, DE GRACILIANO RAMOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários

Orientador: Prof. Dr. Fernando Otávio Fiúza
Moreira

MACEIÓ

2013

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

C824m Correia, Tatiana Gomes.
 As memórias híbridas do escritor : uma análise de Memórias do Cárcere,
 de Graciliano Ramos / Tatiana Gomes Correia. – 2013.
 88 f.

 Orientador: Fernando Otávio Fiúza Moreira.
 Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Estudos Literários) –
 Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-
 Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2013.

 Bibliografia: f. 87-88.

 1. Ramos, Graciliano, 1892-1953 – Crítica e interpretação. Memórias do
 Cárcere. 2. Crítica literária. 3. Literatura brasileira. 4. Ficção. 5. Autobiografia.
 I. Título.

CDU: 869.0(81).09

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA	 PPGL
---	--	---

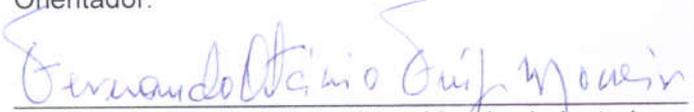
TERMO DE APROVAÇÃO

TATIANA GOMES CORREIA

Título do trabalho: "AS MEMÓRIAS HÍBRIDAS DO ESCRITOR: UMA ANÁLISE DE MEMÓRIAS DO CÂRCERE, DE GRACILIANO RAMOS".

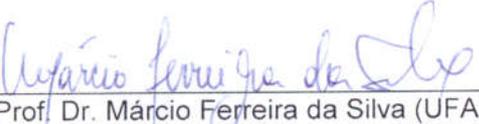
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:


 Prof. Dr. Fernando Otávio Fiúza Moreira (orientador-presidente)(PPGL/UFAL)

Examinadores:


 Profa. Dra. Gilda de Albuquerque Vilela Brandão (PPGL/UFAL)


 Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (UFAL-CAMPUS SERTÃO)

Maceió, 28 de novembro de 2013.

Ao meu avô (in memoriam),
à minha avó e à minha mãe, meus amores.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Fernando Fiúza que com muito amor e paciência realizou a missão de me orientar nesse trabalho. Aos amigos Carla Carolina e Felipe Ernesto, e à professora Gilda Vilela Brandão que inicialmente confiou na realização dessa pesquisa.

Não vivemos história, mesmo que confirmamos sentido à nossa vida moldando-a retrospectivamente em forma de histórias.

(Hayden White)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise da obra *Memória do Cárcere* do escritor Graciliano Ramos a partir do conceito de formas híbridas defendido pelo teórico da literatura Luiz Costa Lima. Acreditamos que a obra do escritor alagoano além de configurar-se como memória, é também autobiografia e ficção. Assim, nesse trabalho trataremos considerações teóricas tanto no tocante a memória, quanto a autobiografia e a ficção e apresentaremos a partir da própria estrutura narrativa aquilo que consideramos como os aspectos ficcionais mais significativos do texto, tais como a presença das notas que Graciliano Ramos nos relata que redigia na cadeia, como também a partir da análise da personagem de nome Gaúcho, o ladrão e arrombador do qual Graciliano se tornou amigo.

Palavras-chave: Memória. autobiografia. ficção. Graciliano Ramos. literatura brasileira.

ABSTRACT

This present research aims to show an analysis of the novel “Memória do Cárcere” by Graciliano Ramos, from the concept of hybrid forms defended by the literature theoretical Luiz Costa de Lima. The novel is not only considered to be a memory but it is also an autobiography and fiction. Therefore, all due considerations are to deal with those memories, hence the autobiography and fiction, and it will be presented on its own narrative structure, what is considered as being the most significant fiction traits from the text, such as the notes written by Graciliano Ramos when he was in prison, and furthermore an analysis of the character whose name is Gaúcho, the robber Graciliano became friends with.

Keywords: Memory. autobiography. fiction, Graciliano Ramos. Brazilian literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO:	9
2. A maestria da composição: memória, autobiografia e ficção	11
3. <i>Memórias do Cárcere</i> e seu caráter híbrido	33
4. Graciliano Ramos em confissão	66
5. CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise da obra *Memórias do Cárcere*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, a partir do conceito de formas híbridas defendido pelo teórico da literatura Luiza Costa Lima em seu livro *História. Ficção. Literatura..*

De maneira sintetizada, “Formas híbridas” para Luiz Costa Lima são aquelas obras que têm uma primeira intenção reconhecida e que pelo tratamento estilístico da linguagem acabam adentrando no universo da literatura, como, por exemplo, as *Memórias do Cárcere*, que originalmente tem como pretensão ser uma memória de um determinado período histórico, mas que pelo tratamento que o escritor conferiu a sua narrativa, essa se caracterizou além de autobiografia, também como ficção.

No primeiro capítulo desta análise, por ser a obra originariamente uma memória, fizemos questão de iniciar o trabalho com uma teorização acerca dos diferentes aspectos que compõem o fenômeno da memória, e como eles estão presentes no texto do escritor alagoano. Para isso, nos utilizamos das considerações teóricas de Jaques Le Goff e Michael Pollak presentes respectivamente em seus livros *História e memória* e *Memória e Identidade social*.

Ainda no primeiro capítulo, apresentaremos algumas considerações teóricas acerca da obra aqui analisada, feitas por grandes nomes da teoria literária, bem como traremos algumas informações relevantes no tocante às condições em que essas memórias foram escritas, bem como do impacto provocado pelo seu surgimento.

Defenderemos também que nessas memórias o escritor Graciliano Ramos, assim como todos aqueles que se propõem a escrever autobiografia, cria de si mesmo a auto-imagem de escritor, ou seja, essa é a sua grande identidade nessas memórias.

Além disso, apresentaremos alguns dos aspectos presentes na narrativa que, segundo nosso entendimento, acreditamos trazer a obra uma atmosfera bastante ficcional.

Já no segundo capítulo, continuaremos evidenciando os aspectos ficcionais presentes no texto das *Memórias do Cárcere*, tais como a presença das notas que o escritor redigia na cadeia bem como através da figura do ladrão Gaúcho que o escritor conhece na Colônia Correccional. Além disso, traremos algumas considerações teóricas a respeito da natureza fronteira dessas memórias que estão automaticamente situadas em uma zona de fronteira entre a História e a ficção. Para tanto, as considerações teóricas de Luiz Costa Lima e Hayden White serão de fundamental importância para tentarmos, por exemplo, evidenciar a errônea interpretação da ficção como um aspecto inferior, ou como responsável por tornar um texto sem credibilidade.

E, finalmente, no terceiro capítulo iremos nos deter especificamente nos aspectos autobiográficos do texto, e perceber que os limites entre memória e autobiografia são estreitos demais. Para nos ajudar a compreender esses limites, iremos recorrer ao aparato teórico de Phillipe Lejeune em *O pacto autobiográfico*.

Evidenciaremos também nesse terceiro capítulo, que Graciliano Ramos parece ir a todo o momento na contramão do que ocorre com a maioria das autobiografias, onde o autor, via de regra, estar mais interessado em criar forte representação em torno de si mesmo, e isto porque, o escritor alagoano realmente não apresenta a menor preocupação em se revelar como um grande exemplo de ser humano e, pelo contrário, nos apresenta em seu texto aspectos extremamente frágeis de sua personalidade.

Outro aspecto que desejamos ressaltar desde já, é que Graciliano evidencia a todo o momento nessas memórias que tinha um grande interesse de escrever um romance sobre a vida na cadeia e que não foi concretizado. De nossa parte, que defendemos que essas memórias são híbridas e, portanto, também ficção, acreditamos que as *Memórias do Cárcere* são de certa forma o romance que o escritor desejava escrever.

PRIMEIRO CAPÍTULO

1 A maestria da composição: memória, autobiografia e ficção

O presente trabalho irá discutir os diferentes aspectos do fenômeno da memória e em que medida esta alcança a dimensão literária, partindo da análise da obra *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos.

A obra em questão traz aquilo que Hermenegildo Bastos, em *Memórias do Cárcere: Literatura e testemunho*, chamará de um conjunto de ambiguidades de gênero, pois ao mesmo tempo que a obra configura-se como memória, já traz embutida uma relação com a autobiografia, que por sua vez situa-se entre a História e a ficção.

Após dez anos em liberdade e meses antes de morrer, Graciliano Ramos escreveu suas *Memórias do Cárcere*. No entanto, embora o livro esteja ambientado no momento histórico que corresponde ao período que o escritor esteve preso durante a ditadura de Getúlio Vargas, e receba mesmo o título de *Memórias do Cárcere*, podemos encontrar na obra também elementos da memória individual, bem como uma vasta memória literária, como no trecho abaixo onde ele se refere ao romance *Angústia*:

A publicação do romance me parecia leviandade. Havia nele muitos defeitos, eram precisos corte e emendas sem conta. Sem falar em mutilações e enganos infalíveis, cometidos pela datilografia. Indispensável examinar, rever tudo, comparar o original à cópia. Eu nem sabia onde paravam essas coisas enterradas em algum buraco de Alagoas. (RAMOS, 1986, p. 264-265)

Sobre esse aspecto fala Hermenegildo Bastos:

Memórias de um escritor, não apenas no sentido de que o escritor relembra e reconstrói o passado, mas também no sentido de que são as memórias da sua atividade de escritor, memória da obra, de seus códigos, temas, técnicas do mundo da obra como parte do mundo real. (BASTOS, 1998, p. 78)

Dessa forma, é válido ressaltar que as *Memórias do Cárcere* não é de modo algum uma memória limitada aos meses, e as impressões que o escritor passou na cadeia. Podemos mesmo encontrar fragmentos que nos revelam uma memória na memória, ou seja, ao relatar episódios ocorridos no cárcere, Graciliano relembra fatos que ele rememorava quando estava preso, como nessa passagem onde mais uma vez o autor se refere à composição de um capítulo de *Angústia*:

Era noite. Sentado á mesa, entranhava-me na composição de largo capítulo: vinte e sete dias de esforço para matar uma personagem, amarrar-lhe o pescoço, elevá-la a uma árvore, dar-lhe aparência de suicida. Estirava-me às vezes pela madrugada, queria abandonar a tarefa e obstinava-me nela, as ideias a pingar mesquinhas, as mãos trêmulas. Rumor das ondas, do vento. Pela janela aberta entravam folhas secas, um sopro salgado, a enorme folhagem de um sapotizeiro escurecia o quintal. (RAMOS, 1986, p. 183-184)

Trata-se de algo como um trabalho de solidificação da memória como nos lembra Michael Pollak em *Memória e Identidade social*. Lembra-nos o teórico que embora a memória tenha como características a flutuação, a instabilidade e a mutabilidade, existem certos aspectos tanto na memória coletiva quanto na individual que são relativamente invariantes, imutáveis: “É como se numa história de vida individual, mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças”. (POLLAK, 1992, p.2)

Outro aspecto que nos chama atenção na obra é que esta teve publicação póstuma, pois o escritor veio a falecer antes de concluí-la. Uma consciência que Graciliano tinha e que nos deixa evidente ainda no primeiro capítulo de seu livro: “estou a descer para a cova, este novelo de casos em muitos pontos vai emaranhar-se , escrevo com lentidão e provavelmente isso será publicação póstuma como convém a um livro de memórias”(RAMOS, 1986, p. 35)

Escrevendo suas memórias meses antes de morrer e tendo essa consciência, Graciliano Ramos se encontrava naquele momento em que Walter Benjamin, em *O narrador*, considerará como o momento de maior autoridade do narrador, que é o momento da proximidade da morte, onde o saber e a sabedoria dos indivíduos e sua existência vivida, assumem uma forma transmissível, tendo em vista que são dessas substâncias que surgem as histórias.

E dessa autoridade de quem escreve próximo ao fenômeno da morte somada à autoridade de grande romancista, nos foi legado um livro de memórias que sem dúvida se tornou um dos maiores livros da literatura brasileira, principalmente por trazer em sua estrutura o entrecruzamento de gêneros narrativos que passam pela memória, autobiografia, história e ficção, e que abre a possibilidade de discussão sobre em que graus esses discursos se sobrepõem, se assemelham ou se correspondem mutuamente.

As *Memórias do Cárcere* se dividem em dois volumes contendo quatro partes no total que podem ser lidas separadamente, tendo em vista que cada uma dessas partes corresponde a momentos diferentes passados na prisão. No entanto, a obra está longe de ser um relato puramente ligado a discussões políticas, o que desagradou bastante o Partido Comunista como nos diz Ricardo Ramos em *Graciliano Ramos: Retrato fragmentado*:

A leitura continuada de *Memórias do Cárcere* nos revela nitidamente a extensão da sua crítica. Ao militarismo que imperava no partido, herança do tenentismo, afastava qualquer possibilidade de democracia. Ao levante de 1935, definido e apregoado revolução libertadora, com o apoio das amplas massas, que não passara de quartelada aventureira, irresponsável. Ao espírito de seita reinante na organização partidária [...] Como se não bastasse, figuras heroicizadas se apequenam, outras intermediárias se sustentam, algumas anônimas se agigantam. (RAMOS, 2011, p. 213)

Distante das expectativas do Partido Comunista, o que encontramos nas *Memórias do Cárcere* é uma extraordinária investigação da natureza humana, presente nos mais variados tipos (intelectuais, militares, ladrões, homossexuais) que Graciliano conhece na prisão, ficando as discussões políticas muitas vezes em segundo plano.

É aí que reside exatamente o papel fundamental da memória, no trabalho como diferença, e com os pontos de esquecimento da história oficial, por se prender ao pequeno, ao insignificante. E esses pontos de esquecimento da história oficial nas memórias de Graciliano são fruto da própria convivência concreta do escritor com o cárcere político do regime ditatorial, que o fez se tornar amigo de figuras como Cubano e o ladrão Gaúcho e representá-los em suas memórias tantas vezes mais e demoradamente, do que os grandes líderes políticos.

A primeira intenção da memória não é se constituir como uma narrativa literária. A pretensão original da memória, segundo Luiz Costa Lima em *História, Ficção e Literatura*, é ser documento, no entanto, ao configurar-se como correlato sensível do que foi vivido, ou seja, pelo seu caráter não-conceitual, acaba adquirido a possibilidade de uma inscrição literária. Ainda sobre os livros de memória, nos diz Costa Lima,

As Memórias, contudo, se diferenciam pelo realce da face pública da experiência da vida de alguém, realce que, ao se tratar da própria vida daquele que narra, frequentemente contém momentos de sua face interna, e de como ele se via a si próprio. [...] A memória é de imediato um documento histórico, uma fonte historiográfica que, configurando-se por um correlato sensível do que foi vivido, alcança uma dimensão literária suplementar. A pura autobiografia e o relato da própria vida que não se preocupa em conciliá-la com a memória, cabe a restrição que Renza lhe fez: é um ‘projeto ostensivo de auto-representação, de se converter a si mesmo no presente prometido pela linguagem.’ (LIMA, 2006, p. 353)

Hermengildo Bastos, em seu já mencionado livro *Memórias do Cárcere: literatura e testemunho*, acredita que as memórias de Graciliano Ramos fogem da pura auto representação, própria da maioria das autobiografias. Nos diz Hermenegilo Bastos que “o que importa nelas não é primordialmente a vida individual do autor-personagem, mas a situação político-social chamada de ‘página de fascismo tupinambá’, que poderia, segundo o autor, ‘ter sido escrita por vários companheiros mais capazes’.” (BASTOS, 1998, p.54)

A partir de posições como as de Costa Lima e de Hermengildo Bastos podemos entender que Graciliano Ramos ultrapassa os limites de seu ego e consegue nos legar uma obra de grande valor documental.

É interessante mencionar ainda sobre esse aspecto um artigo de J. Guinsburg, um dos primeiros ensaios de recepção crítica das *Memórias do Cárcere*. Guinsburg dirá que em geral os livros de memórias e autobiografias sofrem de grave unilateralidade, onde o narrador poucas vezes enxerga além da primeira pessoa do singular, deformando pessoas e acontecimentos bem como sua própria personalidade.

Diz-nos ainda Guinsburg que é exatamente nisso que o livro de Graciliano foge à regra, pois o escritor consegue mesmo dentro do ego, o sóbrio controle racional através da ligação afetiva com a humanidade e, pela força criadora, elevar-se acima do ego.

E interessante observarmos a opinião do próprio Graciliano Ramos evidenciando sua consciência acerca desse problema das autobiografias. Diz-nos o escritor nas *Memórias do Cárcere* (1986, p.488):“A vaidade imensa de Trótski me enjoava, o terceiro volume da autobiografia dele me deixara impressão lastimosa. Pimponice, egocentrismo, desonestidade.”

Não é nosso interesse aqui tratar dos limites entre a memória e a autobiografia. No entanto, é válido ressaltar que o que difere os gêneros que na realidade são bastante próximos, é a dimensão pública da memória, a noção de individualidade enraizada no coletivo.

Jaques Le Goff, em *História e memória*, dirá que o conceito de memória é crucial e nos diz ainda que a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar informações passadas. E que na atualidade estamos passando por uma revolução da memória, por uma renúncia a uma temporalidade linear, em proveito dos tempos vividos múltiplos, nos níveis em que o individual se enraíza no coletivo e no social.

Le Goff dirá ainda que a memória é um elemento de que se costuma chamar identidade coletiva ou individual, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades.

No tocante à memória coletiva, Le Goff evidencia que esta não é somente uma conquista, mas também um instrumento e um objeto de poder. No primeiro capítulo das *Memórias do Cárcere*, por exemplo, essa disputa pela memória e essa busca pela identidade ficam evidentes em diversas passagens. Nos diz Graciliano:

Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se. Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alteram-se, completam-se, avivam recordações meio confusas e não vejo inconveniência em mostrá-los. Alguns reclamam a tarefa, consideram-na dever, oferecem-me dados, relembram figuras desaparecidas, espicaçam-me por todos os meios. (RAMOS, 1986, p. 35)

Graciliano reconhece que embora sua memória seja individual, ela é também coletiva. E o que fica ai acentuado é o ser de uma coletividade. Em outra passagem, porém, fica evidente a disputa pela memória: “Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho

o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas não as contesto, mas espero que não recusem as minhas [...]” (RAMOS, 1986, p. 36)

Michael Pollak, em livro já mencionado, também defenderá a ideia de que embora a memória pareça ser um fenômeno individual, algo extremamente pessoal, ela deve ser entendida como coletiva e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes:

Estaremos a forjar mentiras, resvalaremos na credulidade antiga, a engrossar boatos, adorná-los, emprestar-lhes movimento e vida? Procuramos velhos companheiros, atizamos as reminiscências deles, obtemos confirmação, foi o que me aconteceu, informei-me de novo, procurei afastar as possibilidades de erro ou exagero, mas ainda me ficou uma vaga incerteza. O essencial é verdadeiro, causou espanto no começo, depois foi observado e nos pareceu natural, não examinamos, porém, as circunstâncias: temos conhecimento delas por indivíduos confusos, propensos à divagação. Verdades? Não sei. Narro com reservas o que me narraram, admito restrições e correções. (RAMOS, 1986, p. 309)

Dirá-nos ainda Pollak que os elementos constitutivos da memória coletiva ou individual são os acontecimentos vividos pessoalmente ou “por tabela”, a pessoa ou grupo não viveu, mas sente como se tivesse vivido. Outro aspecto da memória é que ela é constituída por pessoas ou personagens também conhecidos pessoalmente ou “por tabela”. E, finalmente, o terceiro aspecto da memória é que ela é constituída por lugares.

Graciliano Ramos escolheu o cárcere político como o lugar de onde parte suas memórias e nos relata acontecimentos diversos que passam pela vida pessoal e literária.

No tocante às personagens, ou seja, às pessoas que fazem parte das lembranças de Graciliano, algumas chegam a se confundir com suas personagens das obras de ficção, fazendo com que em determinados momentos suas memórias adquiram uma certa tonalidade ficcional, por exemplo, o ladrão Gaúcho que Graciliano conhece na Colônia Correccional e que também já era nosso conhecido do conto “Um ladrão”, do livro *Insônia*.

No entanto, mesmo que se assemelhe à ficção, de modo algum isso diminui a qualidade e o valor documental das *Memórias do cárcere*.

Voltando à linha de pensamento de Michel Pollak, por ser a memória constituída pelos acontecimentos, lugares e pessoas, a primeira caracterização que temos desse fenômeno é que a memória é seletiva, ou seja, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado.

Outro elemento da memória é que ela também sofre flutuações que são próprias do momento em que é articulada, em que ela está sendo expressa. Assim, as preocupações pessoais e políticas do momento constituem um elemento de estruturação da memória. E esse aspecto nos mostra dessa maneira que a memória é um fenômeno construído conscientemente ou inconscientemente. No caso das *Memórias do cárcere*, esse trabalho de construção foi consciente principalmente por se tratar das memórias de um romancista, aspecto que merece ser levado em consideração.

Ricardo Ramos, em *Graciliano Ramos: retrato fragmentado* nos relata alguns episódios desse trabalho de construção memorialístico de Graciliano Ramos:

Li ou datilografei um dos capítulos iniciais de *Memórias do cárcere*, não estou lembrado e me admirei com o diálogo entre o general e Graciliano, no quartel do Recife. Saíra meia dúzia de linhas extremamente discretas. Versão bem diferente daquela que tantas vezes contara

– Por que você não deu o nome de Nilton Cavalcante?

– Por que iria dar? Que importância tem ele? [...]

Calou-se para logo continuar:

– Tem mais. Se eu pusesse o xingamento, pareceria bravata. Sem a menor verossimilhança. Viu na minha cara, não me convencera. Perder uma porrada em cheio por simples cautela. E, afinal, aquilo era memória ou ficção?

Paciente, quase professoral, explicou:

– Fui até onde podia e devia. Repare, o sentido geral está claro. [...]

E adivinhando-me:

– É memória sim. (RAMOS, 2011, p. 74-75)

Dessa forma, torna-se evidente que o que a memória individual grava, recalca ou exclui, passa por um verdadeiro trabalho de organização, ainda mais em se tratando de memória de escritor romancista, a consequência é estetizar-se e atingir a dimensão literária como evidenciaremos ao longo desse trabalho.

Sendo a memória um fenômeno construído tanto social, quanto individualmente, podemos dizer que há uma estreita ligação entre memória e o sentimento de identidade, no sentido da imagem de si para si e para os outros. Isto é, a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si mesma para acreditar na sua própria representação, mas também ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Também Verana Alberti, em *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*, nos afirma que se alguém se põe a escrever uma autobiografia, é porque tem em mente fixar um sentido em sua vida e dela operar uma síntese. Tal operação requer omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados. Assim, uns adquirem maior peso e são narrados mais demoradamente. Operação que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma representação, busca essa que dirá quais acontecimentos devem ser omitidos e quais devem ser narrados.

Já no primeiro capítulo das *Memórias do Cárcere* nos afirma Graciliano Ramos: “Omitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance, como se os enxergasse pelos vidros de um binóculo; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parecer conveniente” (RAMOS,1986,p-36)

Ao assumir que a sua narrativa passa por seleções e omissões, qual a imagem ou identidade que Graciliano apresenta a si mesmo e aos outros? De nossa parte, acreditamos ser a de escritor. Pois ao longo dos dois volumes das memórias, o alagoano está sempre mencionado o seu ofício, ou relatando trechos da composição das obras anteriores, além de mencionar o exagerado esforço de continuar escrevendo mesmo no início da prisão, quando ainda não tinha a devida noção do que estava acontecendo, acentuando-se a isso o fato da quase inexistência de condições materiais e psicológicas para escrever:

E decidi compor uma narrativa dos casos diários, contar a viagem a trem, a luz escassa do Recife, as noites de insônia, descrever a figura do Capitão Lobo que ia crescendo em demasia. Além das cuecas, agora havia papel, havia lápis. Mas a composição saía chocha, pingada, insignificante: as pontas dos lápis se quebravam a cada instante e era preciso recorrer ao canivete do meu companheiro providencial. Bem. Os lápis diminuía, pontudos e inúteis: daquelas notas arrumadas com grande esforço não saíria uma história. Desinteresse: a inteligência baixava, era uma inteligência distraída, vagabunda, indolente. Valeria apenas excitá-la? Como? Se me fosse possível conseguir um pouco de álcool, talvez desse verossimilhança Benon Maia Gomes, a Baptista, ao sujeito que mastigava torradas e comia os beijos. (RAMOS,1986,p-86)

A necessidade de escrever é imperiosa, comparável a um vício, visto que não para mesmo diante das adversidades, mas certo momento o narrador reconhece suas limitação:

A minha decisão de traçar um diário encolhia-se, bambeava sem nenhum estímulo fora ou dentro. Os fatos, repisados, banalizavam-se. Apenas quatro ou cinco sobressaíam, mas ao dar-lhes forma, vi-os reduzidos, insignificantes. Difícil enxertar neles alguma circunstância que lhes desse relevo e brilho: saíam naturalmente apagados, chatos e irremediáveis. Prosa de noticiarista vagabundo. Tropeços horríveis para alinhar um simples comentário. Havia chumbo na minha cabeça. E eu a imaginar fabricar uma novela na cadeia, devagar, página hoje, página amanhã. Lembrava-me da opinião lida anos antes sobre a arte dos criminosos, arte ruim. E vinham-me dúvidas. Seriam essas criaturas naturalmente insensíveis, brutas, lerdas? Talvez o cárcere lhes roubasse as energias, embotasse a inteligência e asensibilidade. (RAMOS,1986,p-98)

Ainda sobre as *Memórias do Cárcere*, é válido ressaltar que a obra foi publicada pela primeira vez em quatro volumes pela editora José Olympio no ano de 1953, meses após a morte do escritor que não chegou a concluí-la, restando ao filho Ricardo Ramos a missão de compor uma “Explicação final “ para o livro, onde nos revela que Graciliano Ramos tinha como objetivo para o último capítulo de suas memórias, escrever sobre as sensações de liberdade.

Apesar de não ter sido concluído, pois faltava o capítulo de encerramento, e sendo um livro relativamente caro, pois lançado em quatro volumes como nos afirma Ricardo Ramos na biografia já mencionada, as memórias imediatamente transformaram-se em best-seller e tiveram repercussão na crítica de maneira avassaladora, através de inúmeros artigos chegando ao ponto da consagração.

Também Wander Melo Miranda em *Graciliano Ramos* chama atenção para a repercussão que teve a obra de publicação póstuma que ultrapassava a cada momento as mais otimistas expectativas: “A repercussão extremamente favorável entre intelectuais, escritores e políticos é imediata; pela primeira vez, o autor é sucesso de vendas, tendo dez mil exemplares esgotados em 45 dias.” (MIRANDA,2004,p-71)

Nelson Werneck Sodré, por sua vez, no prefácio à 21 edição das *Memórias do Cárcere*, lançada pela editora Record no ano de 1986, ou seja, exatos trinta e três anos após o aparecimento do livro, ainda faz questão de mencionar o fenômeno que se caracterizou a recepção dessa obra:

É quase inexplicável que o livro do escritor alagoano tivesse alcançado o sucesso que logo lhe veio ao encontro. Não é o caso, aqui, de discutir as razões de tal sucesso, relativo naturalmente, condicionado à difusão que era possível alcançar um ficcionista de seu porte e de suas características. [...] O caso é que, saído da prisão, Graciliano Ramos era considerado já, uma figura de qualidades singulares, digna de admiração e de apreço. Admiração e apreço que não cessaram de crescer. De modo que, aproximando-se do fim, nova homenagem, em que se reuniram homens de tendências as mais variadas, só unânimes em consagrar aquele sertanejo rude como o maior escritor de nosso tempo. (SODRÉ,p-23,1986)

O mencionado crítico acredita ser dispensável a discussão no tocante ao porquê dessa obra ter feito tanto sucesso quando do seu surgimento, dando-nos a entender que somente as qualidades de romancista já conhecido e admirado foram suficientes para o extraordinário número de vendas desse livro. Mas, de nossa parte, que objetivamos fazer uma análise dessas memórias apresentando-as como uma narrativa de caráter híbrido, acreditamos ser interessante para nossa análise buscar compreender quais motivos, além do fato de Graciliano realmente já ser um escritor renomado, teriam ajudado a imensa repercussão das *Memórias do Cárcere*.

Assim, não podemos deixar de considerar, por exemplo, a intensa vida política que teve o escritor alagoano, somada a sua vida de escritor. Graciliano Ramos militava no Partido Comunista, participou de campanha para deputado, e nas atividades internas do Partido

Comunista ou de entidades vinculadas a ele, foi exatamente sobre o livro e a literatura onde fez suas maiores intervenções, chegando mesmo ao cargo de presidente da Associação Brasileira de Escritores, entidade subordinada ao PC no ano de 1951. E na condição de reeleito no ano seguinte, visitou a União soviética como nos afirma Ricardo Ramos no já mencionado *Graciliano Ramos: Retrato Fragmentado*.

Além de figura política importante dentro do Partido Comunista, outro fato que consideramos relevante, na tentativa de entender a repercussão que o surgimento das *Memórias do Cárcere* causou, é o fato de a obra ter tido publicação póstuma e ter sido escrita lentamente por um escritor com a saúde bastante fragilizada que decidiu “contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos” (RAMOS, 1986, p-33).

E sobre as condições físicas em que se encontrava Graciliano Ramos quando construía suas memórias, escreveu Nelson Werneck Sodré:

E estava, naquela fase, numa de suas profundas indisposições para escrever, o que nos fazia temer que o projeto jamais chegasse a termo. Claro está, e ele próprio sabia disso, que o seu estado de saúde mostrava um declínio acentuado.

Seus amigos não deixavam de acompanhar com cuidado a evolução de uma criatura cuja existência fora continuamente áspera, e temiam sempre que a situação viesse a se agravar de súbito, cortando as possibilidades daquele depoimento imprescindível. (SODRÉ, 1986, p-10)

Foi exatamente a perspectiva da morte e a proximidade do fim do caminho que autorizou o escritor a levar adiante suas memórias e que garantiu ainda autoridade ao discurso memorialístico. E como nos afirma Nelson Werneck Sodré, o próprio Graciliano Ramos tinha a consciência de seu estado de saúde, quando nos relata, por exemplo, ainda no primeiro capítulo das memórias em citação já mencionada anteriormente nesse trabalho, que estava a descer para a cova e que a publicação seria póstuma como convinha a um livro de memórias. Assim, as *Memórias do Cárcere* se insere num modelo oficial de memórias e autobiografias, ou seja, elas são uma memória padrão, pois :

As memórias e autobiografias são levadas a cabo, na grande maioria das vezes, na terceira idade, portanto, teoricamente, próximas da morte. E é a sabedoria resultante dos longos anos vividos que dão fundamento ao processo de escrita.[...] O discurso ganha corpo a partir de um sentido dialético, que impulsiona o ato autobiográfico. Se, de um lado, está a revivência da vida, isto é, se o autobiógrafo escreve para viver novamente, independente das suas intenções apologéticas, ou para a remissão de seus erros, de outro ele o faz premido pela perspectiva da morte.(SOUZA,2003,p-125)

Além disso, foi Graciliano Ramos quem definitivamente fez da memória um gênero presente na literatura brasileira como afirma Eduardo Portela em *Dimensões*:

Excluindo o caso isolado e particularíssimo de Joaquim Nabuco, que vem a ser com *Minha Formação*, o patrono do memorialismo no Brasil, somente com Graciliano Ramos a literatura memorialística vem adquirir um considerável prestígio entre nós.

Depois de Joaquim Nabuco foi Graciliano quem retomou o gênero memorialístico. Antes de Graciliano, porém, havia a notícia do êxito transitório das memórias de Humberto de Campos. Mas foi Graciliano Ramos, primeiro com *Infância*(1945) e depois com *Memórias do Cárcere*(1953), quem veio, em termos mais definitivos, fazer da memória um gênero presente em nossa moderna literatura.(PORTELA,1958,p-193)

Dessa forma, sendo um romancista já renomado desde que saíra da prisão, tendo militado no partido comunista e tendo escrito um livro com a saúde debilitada, livro este que veio a ser publicado postumamente e que retoma definitivamente o gênero memorialístico no Brasil, é justificável que a obra tenha causado tanto impacto quando do seu lançamento.

Além de todas essas questões, o relato por si só é de uma riqueza incontestável. E essa riqueza advém, dentre outras coisas da maestria com que o autor constrói seu texto, permitindo que a obra adquira um aspecto híbrido, intervalar entre a memória, a autobiografia e a ficção, resultando em uma obra preciosa.

O texto, por exemplo, realiza um movimento que ora é memorialístico, acentuadamente social e coletivo, ora é relato pessoal, onde o narrador nos revela detalhes de sua vida íntima, como no capítulo 4 da segunda parte do livro, onde Graciliano nos relata nessa passagem o súbito desaparecimento dos seus desejos eróticos, o que ele chamou de uma

completa anafrodisia, algo como uma espécie de anestesia, em que ele sentia os órgãos embotados, paralisados, como se houvesse pedaços mortos nele.

O escritor narra que chega a receber de um faxina um conselho para que não tomasse café, mas Graciliano não lhe dá a devida atenção, e só mais tarde em conversa com a médica Nise da Silveira, que também estava presa, é que ele toma conhecimento de que a ausência dos desejos sexuais era provocada pelo brometo colocado no café e que tinha como objetivo resfriar os instintos sexuais dos encarcerados.

Graciliano nos relata ainda nesse mesmo capítulo que pela primeira vez em quase um ano de prisão sente a necessidade de está sozinho com a mulher: “ Entramos no cubículo, cerramos a chapa de ferro”(RAMOS,1986,p-502).

E assim, ao nos relatar aquilo que acreditava ser um problema de ordem pessoal, o narrador acaba nos revelado os segredos do cárcere, e a memória acaba sempre realizando esse movimento que vai do individual ao coletivo e desse para aquele, acentuada por toques estilísticos gerados pelo uso de técnicas literárias, que garantem ainda mais a riqueza do relato, pois como nos afirma Alfredo Bosi em *Literatura e Resistência*: “O depoente é um dos três ou quatro maiores prosadores de nossa literatura, de modo que seria perder-nos em descaminhos querer interpretar suas lembranças de preso desconsiderando os padrões narrativos e estilísticos que as enfocaram.” (BOSI,2002,p-221)

Acreditamos que esses padrões estilísticos que Bosi menciona é apropriada ficção do texto. É o aspecto romanesco que também está presente ao longo da obra, embelezando-o e não diminuindo seu valor documental. E mesmo que o narrador no primeiro capítulo afirme a sua não existência, sabemos que toda autobiografia é também ficção, pois é subjetiva e seletiva. E todo processo de seleção já é um processo ficcional como nos lembra Hayden White em *Trópicos do discurso* (1928,p-151)

Mas será ao longo desse trabalho que tentaremos evidenciar no próprio texto das memórias aquilo que consideramos como os elementos ficcionais. Por ora, é válido ressaltar ainda que o texto é construído dentro de um equilíbrio admirável, porque, como já frisamos anteriormente, Graciliano ultrapassa os limites de seu ego, o que não é comum na maioria das autobiografias, e escreve suas memórias sem pretender se tornar a figura central.

No capítulo de abertura das *Memórias do Cárcere*, ao mencionar que não lhe agradava usar o “pronomezinho irritante,” embora se fizesse façanhas para evitá-lo, escreve Graciliano Ramos: “Desculpo-me alegando que ele me facilita a narração. Além disso, não desejo ultrapassar o meu tamanho ordinário. Esgueirar-me-ei para os cantos obscuros, esconder-me-ei prudente por detrás dos que merecem patentear-se.” (RAMOS, 1986,p-37)

E assim, o escritor assume a missão de passar a escrever não apenas a sua experiência pessoal, mas, o que é mais importante e fundamental, a sua experiência atrelada ao relato de uma época sombria da história política do Brasil.

E o fez também dentro do equilíbrio, pois embora a narrativa que justifica a escrita das memórias seja realmente o depoimento acerca do que ele chamava “fascismo tupinambá”, Graciliano Ramos traz também outras narrativas, tais como as relacionadas à sua vida pessoal e literária, que evitam dessa forma que a obra se limite a questões políticas, ou mesmo que seu discurso assumira um caráter panfletário como desejava os comunistas mais radicais dentro do partido do qual o escritor também fazia parte.

No já mencionado livro *Literatura e Resistência*, Alfredo Bosi, na análise que faz das *Memórias do Cárcere*, também enfatiza esse aspecto ao mencionar:

Começo reparando em um dado intrigante: a ausência quase completa de discussão ideológica sustentada ao longo das memórias. Nada há nestas nada que lembre, por exemplo, os cadernos de cárcere contemporâneos de Antonio Gramsci, saturados de polêmicas e de juízos sobre as ideologias do tempo no seu país e no mundo. Seria fácil alegar, para o caso, a desproporção de nível cultural que estremava os dois escritores e que distinguia as respectivas esquerdas. A diferença pesa, mas não parece ser a razão maior daquela escassez de húmus ideológico observável no texto de Graciliano. Eu diria que o autor simplesmente não se propôs olhar e, menos ainda, avaliar os seus companheiros enquanto sujeitos de um drama político. (BOSI,2002,p-222)

E de fato, o autor está mais interessado em dar voz aos vencidos. Dessa maneira, fugindo ao radicalismo e à vaidade, e assumindo definitivamente que sua narrativa ia além de questões políticas, num sóbrio equilíbrio escreve Graciliano:

Fiz o possível por entender aqueles homens, penetra-lhes a alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com frequência mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus era a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível (RAMOS,1986,p-221)

O ano era 1936. O escritor foi preso sem acusação formal em Maceió, no dia 3 de março, logo após perder o cargo que exercia na Instrução Pública de Alagoas, provavelmente após mandar suprimir das escolas o Hino do Estado, como ele nos relata no segundo capítulo da primeira parte das suas memórias.

A maneira como o capítulo é narrado é extremamente ficcional, e, além disso, o capítulo enfatiza aquilo que já mencionamos anteriormente: que as *Memórias do Cárcere* são também acentuadamente memória literária, memória das obras do escritor.

Graciliano, após ser demitido e deixar o Palácio dos Martírios, sai atordoado e anda por várias ruas da cidade pensando o que faria para sobreviver a partir daquele momento. Em seguida toma um bonde e tem a impressão que todos sabem o que está se passando com ele.

Graciliano vê então a literatura como a única possibilidade de sobrevivência e resolve se dedicar completamente as correções de um romance que já estava concluído e que ele acreditava ser necessário eliminar pelo menos um terço dele.

Para tanto, era necessário sossego, e o narrador menciona o interesse que o invadira de realizar uma viagem ao interior tendo em vista que os ciúmes excessivos da esposa não o deixariam com a devida tranquilidade para escrever.

Graciliano menciona ainda que ficou até a madrugada corrigindo os últimos capítulos do romance, e que no dia seguinte, que corresponde ao capítulo seguinte, ou seja, o terceiro da

segunda parte, por volta do meio-dia recebeu a visita de uma parenta que ele chamou de indiscreta.

O caso, segundo ele, foi insignificante, mas exerceu grande influência em sua vida a ponto de talvez ter mudado o curso dela. A mulher deu conselhos e aludiu a crimes vários cometidos por ele. Graciliano agradece e pede que ela o denuncie caso ainda não tivesse feito. A criatura, enfurecida, vai embora.

Adiante, o narrador nos relata que sua esposa ficou ao lado da mulher, dando-lhe razão, o que o deixou desesperado de tanta raiva. Em seguida, nova visita, dessa vez do amigo Luccarini, que entra sem pedir licença e avisa que o escritor será preso. Graciliano recusa a proposta de fuga e decide ficar em casa bebendo e esperando a prisão enquanto ouvia os gritos da esposa, e desejava a prisão como um princípio de liberdade; como o lugar onde ele possivelmente conseguiria corrigir o romance.

Graciliano devaneia um pouco mais, recebe outra visita, dessa vez de uma professora, e só então decide fazer a mala e esperar o anúncio da prisão que chegou por volta das sete horas da noite: “Que demora, tenente! Desde o meio-dia estou à sua espera.” (RAMOS, 1986, p-47). E assim termina o capítulo.

Consideramos a cena ficcional primeiro pela forma que Graciliano se refere à parenta. O caso é insignificante e ao mesmo tempo exerceu grande influência na vida do autor a ponto de ter mudado o curso dela. O narrador não deixa claro se o caso foi insignificante ou se foi tão sério a ponto de mudar sua vida, e também não toca nesse assunto no resto das memórias, a não ser nessa pequena passagem do terceiro capítulo.

Outra questão que chama atenção é o comportamento ambíguo dessa misteriosa personagem: foi aconselhar ou acusar?

Os outros toques romanescos no capítulo são respectivamente o desejo da prisão como libertação e a maneira como a personagem recebe o tenente do exército. E mais uma vez será a Ricardo Ramos a quem recorreremos para nos ajudar a evidenciar os aspectos ficcionais presentes nesse capítulo, principalmente no tocante a misteriosa parenta.

Na biografia que escreveu sobre o pai, Ricardo nos relata momentos diversos que passou ao lado do escritor alagoano: cenas políticas, da vida em família e da estreita ligação

que existia entre pai e filho, que chegavam a usar o banheiro juntos todas as manhãs, nos são apresentadas. E logicamente nessa biografia não poderia faltar as discussões literárias, que sem dúvida é onde Ricardo Ramos mais se deteve.

Assim, o filho menciona diversas conversas que teve com o pai, por exemplo, a respeito da construção das *Memórias do Cárcere*. E há uma passagem já mencionada nesse trabalho, em que Ricardo chega mesmo a perguntar a respeito das memórias, se aquilo era memória ou ficção.

Nessa mesma parte da biografia, o autor nos dá mais uma evidente pista de que Graciliano ficcionalizou suas memórias e é exatamente sobre a misteriosa personagem.

Tinha certeza de que sua prisão fora resultante de uma denúncia. Anônima mas próxima. Isso aparece, mais que sugerido, no início das *Memórias do Cárcere*. Uma parenta o visita e, após áspero diálogo, ele relata: ‘Agradei e pedi-lhe que me denunciasse, caso ainda não o tivesse feito[...] Por motivos os mais diversos, aquilo me figurava inverossímil, um tanto fantasioso, improvável ou desnecessário.’ (RAMOS,2011,p-72).

É interessante que por ser filho de Graciliano, Ricardo deveria conhecer essa parenta ou mesmo mencionar seu nome, ou algum outro dado a mais que o pai lhe tivesse feito nessa conversa, como acontece em relação a outras personagens do livro, ainda mais em se tratando de um fato que, segundo Graciliano, mudou o curso de sua vida, mas nada, Ricardo menciona uma série de ações políticas do pai que bem poderiam ter o levado a prisão, e a conversa termina assim:

– Acha que você, logo você, precisava ser denunciado?
 – Como não?
 – Os professores, os intelectuais que você conheceu na cadeia, foram denunciados também?
 Não respondeu de pronto. Fechou-se, e a mancha vermelha, vertical, dois dedos lhe cortando a testa do lado direito, apareceu ameaçadora. Sinal de alerta, fim de qualquer diálogo.
 – Só sei que eu fui.
 Nunca mais voltei ao assunto. (RAMOS,2011,p-74)

Então, percebemos que na conversa não se menciona nome, grau de parentesco, os motivos que essa pessoa teria paradenunciá-lo. Ricardo deixa claro que não reconhece a existência dessa parenta, mas que por outro lado sabe das ações políticas do pai que bem poderiam ter o levado à prisão sem denuncia alguma por serem públicas.

E o nervosismo de Graciliano relatado pelo filho nessa passagem da biografia, ao ponto de fazer uma velha mancha aparecer e a resposta “só sei que eu fui”, chegam a ser engraçados, e ainda nos faz lembrar a famosa personagem do *Alto da Compadecida* que quando não sabe responder com precisão a uma determinada pergunta sempre responde: “não sei, só sei que foi assim”.

Mas, voltando ao texto das memórias, após relatar sua prisão em casa, Graciliano narra que em seguida foi obrigado a embarcar de trem para o Recife, onde permaneceu até ser metido num porão de um navio junto a presos comuns em direção ao Rio de Janeiro. Lá chegando, foi conduzido ao Pavilhão dos Primários, depois à Casa de Correção, à Colônia Correccional, na ilha Grande, depois restituído ao presídio carioca da Detenção, sem nunca saber ao certo porque fora preso:

A minha situação não melhorava nem piorava. Ausência de processo, nenhuma testemunha; adiava-se provavelmente não se realizaria o interrogatório. [...] Não se descobriam sinais de crimes, mas pelo jeito eles deviam existir em qualquer parte; conservar-me-ia longe do mundo até que aparecessem. (RAMOS,1986,p-288)

Em outra passagem menciona:

Surpreso e inquieto, perguntei a mim mesmo porque me enviavam àquela prisão. Deviam estar ali, supus as criaturas forçadas a cumprir uma sentença, e ainda não haviam me dito uma palavra a respeito dos meus possíveis crimes. Tinham-me obrigado a rolar longos meses para cima e para baixo; aplicavam-me agora uma condenação enigmática. (RAMOS,1986,p-455)

Graciliano Ramos até o final da sua prisão, que corresponde ao final das suas memórias, de fato não recebeu nenhuma acusação formal que indicasse claramente os motivos de sua prisão. No entanto, era conhecimento de todos, que o escritor mencionava publicamente que era contrário ao capitalismo, bem como não tinha religião, além do fato de odiar o Estado e toda a estrutura política e cultural do nordeste, como ele mesmo menciona no terceiro capítulo da primeira parte das memórias, embora considerando tais questões pequenas e insignificantes, e que se acaso estas o levasse à prisão seria após serem ampliadas por falsas testemunhas, ou seja, Graciliano não reconhece que esses são alguns dos possíveis motivos de sua condenação.

Ricardo Ramos também chama atenção para as colocações do pai, que bem poderiam servir de justificativa para a sua prisão:

Afirmativo, opinioso, irreverente. Não iria, acomodado se calar. O inverso, imaginamos, seria o verdadeiro: ele falando aos amigos, em casa, na repartição e no bar. Dizendo das suas posições, essencialmente críticas, quanto à realidade do país e à situação estadual. (RAMOS, 2011, p-74)

O autor, no entanto, como não tinha o objetivo de enaltecer-se em suas memórias, nem tão pouco fazer delas um aparato ideológico, prefere não selecionar e narrar outros possíveis motivos que ele tinha consciência que seriam suficientes para acusá-lo de comunista, (e dos grandes, tendo em vista a dimensão de suas ações políticas), motivos esses que apenas tomamos conhecimento ao ler a biografia escrita pelo filho.

Graciliano Ramos não relata em suas memórias, por exemplo, que se opusera a chamada Revolução de 30, não de maneira passiva, mas querendo resistir, pegar em arma. E que não conseguira conviver com a primeira fase da interventoria, o que o levou a renunciar ao cargo de prefeito de Palmeira dos Índios em Alagoas.

Outro fato que o autor não menciona, é que sua administração na prefeitura foi rigorosa e independente: mandou desapropriar inúmeras terras para a construção de estradas, o que lhe ocasionou desavenças e ameaças. Além disso, havia ainda a séria cobrança de impostos, como também a correta aplicação das verbas públicas conforme suas prioridades, o que desagradou a muitos que se viram perdendo os antigos privilégios de classe.

Enquanto diretor da Instrução pública de Alagoas, função que corresponde à de secretário da Educação, além de extinguir o Hino de Alagoas das escolas, (o que foi logo interpretado como impatriótico), Graciliano mandou ampliar consideravelmente o número de alunos matriculados na rede escolar, o que representaria mais gastos ao Estado.

A luta para manter a merenda escolar, bem como para a criação de uma escola profissional feminina e para o concurso obrigatório para as professoras do ensino primário, representaram grande novidade na época, o que lhe rendeu inúmeras ameaças.

Tudo isso, entretanto, não aparece no texto das *Memórias do Cárcere*. “Demais estaria eu certo de não haver cometido falta grave? Efetivamente não tinha lembrança” (RAMOS,1986,p-46). E todas essas questões que bem poderiam ter sido selecionadas e narradas como os possíveis motivos da prisão são desconsideradas pelo autor, que visivelmente prefere a imagem de escritor à de político, como já fizemos questão de mencionar anteriormente, quando nos referíamos ao fato da construção da imagem de escritor que Graciliano Ramos faz de si mesmo nessas memórias. Imagem esta que o próprio filho confirma “Penso raramente no meu pai do ângulo político, a não ser quando me obrigam. Penso mais nele como escritor, o que é fácil de entender.” (RAMOS,2011,p-226)

Na verdade, ao não selecionar nenhuma de suas ações políticas e retratá-las nas memórias como os possíveis motivos de sua prisão, Graciliano além de pretender com isso criar a imagem de escritor, fato normal tendo em vista que todo discurso memorialístico requer a criação de uma auto imagem,ajudou ainda, a endossar o aspecto ficcional da obra ao criar todo um clima de suspense em relação a sua prisão.

Assim, Graciliano está sempre mencionado ao longo de toda a narrativa que não sabia os motivos de sua prisão, que sua condenação era enigmática, e que não existia processo contra ele, o que inevitavelmente nos remete ao *Processo*, de Franz Kafka. E o excesso de repetição dessas afirmações cria uma atmosfera romanesca que é mantida até o capítulo vinte e quatro da quarta parte das memórias, que é exatamente quando pela primeira vez ele menciona e aceita o que seria o possível motivo de sua prisão, que, segundo a opinião do doutor Sobral Pinto, advogado contratado por José Lins do Rêgo, seria o conteúdo dos romances do escritor alagoano.

O capítulo é muito interessante. Trata-se de um dos últimos das memórias e corresponde aos momentos finais da prisão. Graciliano estava prestes a deixar a cadeia, e temia pela libertação por não saber como reagiria após tantos meses de confinamento e humilhações.

Recém-saído da Colônia Correccional e considerando-se um vagabundo monstruoso, recebe um dia durante a visita de sua mulher um papel para que assinasse.

Graciliano muito fragilizado, quase se dispõe a ler sem assinar, quando de repente percebe que era necessário ver do que se tratava. E ao ler o documento, toma conhecimento de se tratar de uma procuração instituindo o doutor Sobral Pinto como seu advogado.

Surpreso e considerando-se um caso insignificante para o advogado de grande importância que também defendia figuras como Luiz Carlos Prestes e Berger, grandes líderes comunistas, Graciliano a princípio recusa a oferta e mais uma vez é indelicado com o amigo José Lins.

Após muita indecisão, finalmente a personagem vai ao encontro do advogado:

– Ora doutor pra que tantas minúcias? Como é que o senhor vai preparar a defesa se não existe acusação?

O advogado estranhou a minha impertinência. Em que país vivíamos? Era preciso não sermos crianças.

– Não há processo.

– Dê graças a Deus, replicou o homem sagaz espetando-me com o olhar duro de gavião. Por que é que o senhor está preso?

– Sei lá! Nunca me disseram nada.

– São uns idiotas. Dê graças a Deus. Se eu fosse chefe de polícia, o senhor estaria aqui regularmente com processo.

– Muito bem. Onde é que o senhor ia achar matéria para isso, doutor?

– Nos seus romances homem. Com as leis que fizeram por aí, os seus romances dariam para condená-lo. (RAMOS, 1986, p-534)

O narrador avalia a hipotética acusação, a princípio com exagerada e persistente autocrítica, mas ao final aceita a acusação já que ele é acima de tudo um escritor.

Não me ocorrera tal coisa. Os meus romances eram observações frágeis e honestas, valiam pouco. Absurdo julgar que histórias simples, produto de mãos débeis e inteligência débil, constituíssem arma. Não me sentia culpado. Que diabo! O estudo razoável dos meus sertanejos mudava-se em dinamite. O duro juízo do legista esfriou-me:

– Está bem. Não tinha pensado nisso. (RAMOS,1986,p-534)

Em nenhuma outra passagem ao longo dos dois volumes das *Memórias do Cárcere*, o autor reconhece ou aceita algum outro motivo como tendo sido o responsável por sua prisão, exceto esse que é relatado no momento que se caracteriza como o primeiro interrogatório formal de Graciliano com o doutor Sobral Pinto.

E para alguém que visivelmente assume a identidade de escritor em suas memórias, nada mais adequado que apresentar os seus romances como o motivo aceito para a sua prisão. “Está bem. Não tinha pensado nisso”. Está bem, neste caso é o mesmo que, eu aceito, é verdade, eu fui preso por causa dos meus romances.

E com essas considerações chegamos ao final desse capítulo onde tentamos evidenciar os diferentes aspectos do fenômeno da memória presentes nas *Memórias do Cárcere*, bem como a natureza híbrida dessas memórias, além da construção da imagem de escritor que Graciliano Ramos faz de si mesmo em seu texto.

No capítulo seguinte, seguindo a ideia de que Graciliano é um escritor acima de tudo de prosa de ficção, tentaremos evidenciar entre outras coisas, ainda mais os aspectos ficcionais do texto a partir da própria estrutura romanesca que a narrativa vai adquirindo ao longo de suas páginas.

SEGUNDO CAPÍTULO

2 *As Memórias do Cárcere* e seu caráter híbrido

Nesse segundo capítulo continuaremos evidenciando o caráter híbrido presente no texto das *Memórias do Cárcere* que faz com que a obra assuma simultaneamente o aspecto de memória, autobiografia e ficção.

Torna-se nosso objetivo também, ao longo desse segundo capítulo, fazer uma análise minuciosa do primeiro capítulo das *Memórias do Cárcere*. E isto porque acreditamos que este é o capítulo mais importante da obra. Primeiro, por ser exatamente o capítulo de abertura das memórias, onde o autor, via de regra, apresenta e justifica a escrita de suas memórias. Segundo, por ser nesse capítulo de apresentação que acreditamos já estar presente todo o conjunto de ambiguidades de gênero com o qual Graciliano iria se deparar no momento de se colocar em narrativa, e que nós leitores da obra também acabamos nos deparando ao longo de toda a história que vai assumindo gradativamente um aspecto intervalar ou híbrido entre gêneros que inicialmente se apresentam como dessemelhantes.

Dedicaremos também uma análise à maneira como Graciliano Ramos se refere às notas que ele fazia enquanto estava preso, e a maneira como elas aparecem nesse texto das memórias, acentuando ainda mais os aspectos ficcionais da narrativa.

Mas antes de entrarmos na análise do primeiro capítulo das *Memórias do Cárcere*, bem como na análise sobre as notas que o escritor fazia quando se encontrava preso, notas essas que buscaremos evidenciar que trazem também um acentuado aspecto ficcional às memórias, consideramos ser importante para este capítulo trazer algumas considerações teóricas a mais no tocante aos gêneros fronteiraços com o qual nos deparamos na leitura do livro aqui abordado.

Assim, passaremos agora a algumas considerações teóricas sobre a memória e a autobiografia, tendo em vista que esses gêneros são fronteiraços por natureza. Em seguida,

levando-se em consideração que as memórias e autobiografias situam-se em mais uma zona de fronteira, dessa vez entre a história e a ficção, traremos também para esse trabalho algumas considerações teóricas acerca dos limites entre a escrita historiográfica e a ficcional.

Dessa forma, poderemos constatar que estabelecer critérios rígidos para esses gêneros é algo extremamente complexo. E que essa complexidade inevitavelmente estaria presente no texto das memórias de Graciliano, que acaba sendo todas essas coisas juntas, que acaba sendo uma obra híbrida ou uma forma híbrida.

Utilizamos o termo híbrido em referência ao conceito de formas híbridas defendido pelo teórico da literatura Luiz Costa Lima em seu já mencionado livro *História. Ficção. Literatura*. Passemos agora à síntese do pensamento de Costa Lima.

Após fazer uma investigação sobre os limites entre a História e a poesia, partindo da Antiguidade e tentando desvendar o que há de específico nos discursos historiográfico, ficcional e literário, Luiz Costa Lima chega finalmente à terceira parte do livro intitulada “Seção C: A Literatura”, onde nos diz que, pelo estudo da ficção, podemos penetrar em grande parte do campo literário, mas que, no entanto, não podemos confundir Literatura com ficcionalidade, pois uma não se restringe à outra, e nos lança a seguinte questão:

Um certo tipo de carta, um certo tipo de diário (os de Kafka ou de Musil, por exemplo), um certo tipo de máximas, um certo ensaio (para começar, os *Essais*, de Montaigne), a autobiografia, podem ser considerados, de antemão, ficcionais? Sem que fosse meu propósito, ao não os diferenciar, ajudava a endossar uma concepção de literatura --- o discurso que, centrado no presente da escrita, rompe as amarras com a referencialidade, que jamais aceitara. (LIMA, 2006, p-48)

Nos diz em seguida Costa Lima que a Literatura nunca teve um sentido unívoco, assim como não se poderia desprezar a tentativa de acentuar na literatura a expressividade da linguagem, sua reverberação. E que encontrou, contudo, uma ajuda na afirmação de Aguiar e Silva da heterogeneidade constitutiva da literatura, onde este afirma que há livros cuja capacidade de recriação imaginária de acontecimentos e de almas confere às suas obras históricas uma dimensão literária. Mas, para que não seja um mero remendo, nos afirma o teórico, tal heterogeneidade exige que se repense o conceito de modalidades discursivas que

se funde ao conceito de experiências antropológicas fundamentais, de que derivam tratamentos discursivos diferenciados da palavra. E entre as experiências fundamentais, podem ser destacados os tratamentos que lidam com a ilusão, que são de dois modos: o modo religioso, consistente em oferecer a alternativa de um depois-da-vida, e o modo da arte, consistente em contrariar o fluxo do tempo, tornando significativos momentos ou cenas em si transitórios. O modo religioso, para ser comunitariamente eficaz, tende a tornar-se em dogma, ao passo que o modo da arte, desde que não a serviço de uma meta técnica, especulativa ou religiosa, é levado a questionar seu próprio conjuro de ilusão, ao auto desnudamento.

Luiz Costa Lima faz essa explanação sobre os modos de lidar com a ilusão, segundo ele, para afastar a desconfiança de que caracterizaríamos cada resposta às experiências fundamentais como a-históricas, porque unívocas: “ora, a heterogeneidade que se mantém no sentido moderno da literatura ajuda a anular essa suspeita. E isto porque ela mostra a possibilidade de uma obra mudar sua inscrição originária”(LIMA,2006,p-349)

Daí ele citar como exemplo dessa possibilidade a obra médica *The Anatomy of Criticism* (1621), de Robert Burton, que tinha como direção originária a medicina: considerar os efeitos da melancolia na conduta das pessoas. À medida, contudo, que o tratado médico se tornou ultrapassado, a obra exibia outras propriedades que a impediram de se integrar à poeira das bibliotecas. Ou seja, uma nova inscrição discursiva se impunha que acolhesse o interesse que o livro de Burton mantinha. E foi o movimento romântico que, a partir de começos do século XIX, transformou esse tratado em literatura.

Assim, fora da ficcionalidade, a literatura abrange aquelas obras que, perdida sua destinação original, recebem outro abrigo, mantêm seu interesse, mudando de função. Ainda segundo Costa Lima, que nos lança também como exemplos dessa mudança de inscrição originária de uma obra aqui no Brasil os livros *Os Sertões*(1920) e *Casa grande e senzala* (1933), que tinham como destinação original o propósito de interpretação sócio histórica do país, mas que, no entanto, o que nessas obras mais se sobressaía será a espessura da linguagem, entenda-se como aquela cuja composição nem se dirige a uma rede de conceitos ou que se destaca a partir do momento em que essa direção já não se mostra suficiente, nem se contenta com o automatismo de seu uso corrente. Dessa forma, pela espessura da linguagem, a literatura se tornará então sua segunda morada.

Para que se cumpra tal mudança de lugar, será preciso que a obra traga consigo um traço de destaque. No caso da literatura, este pode estar em sua linguagem apresentar o correlato sensível-codificado do mundo fenomênico. Codificado simplesmente porque a linguagem verbal, assim como a musical, supõe um código, e sua expressividade se cumpre ao lado de sua possibilidade de redundância; e sensível porque o destaque do produto verbal não depende da formulação de conceitos.

O correlato sensível tem o caráter de não conceitual. Porém nem todo não conceitual nele cabe, pois o oposto do conceitual é o puramente descritivo, e, o que apresenta um fenômeno de maneira passiva, pela reprodução, ao menos pretendida, de como se mostra. Assim, tanto pelo conceito como pelo descritivo, o sensível escapa e os dois modos operam por meio da estrita conexão lógica. Portanto, é de se inferir que o correlato sensível capta o sensível de um modo que se contrapõe à estrita conexão, o que não equivale a dizer que de maneira não lógica ainda, segundo o nosso denso teórico da literatura.

Foi ressaltada dessa forma, em *História. Ficção. Literatura*, como a diferenciação discursiva não é a-histórica, mas, ao contrário, permite uma nova alocação de seus produtos; subsidiariamente foi evidenciado no livro que a heterogeneidade da literatura facilita que ela acolha obras que a princípio tinham outra destinação, no entanto, esse não é seu único papel. O ideal, nos dirá o teórico, seria o exame de cada gênero heterogêneo, como a carta, o diário, o ensaio, mas que ele irá se restringir em sua análise ao exame da autobiografia, que aqui particularmente também nos interessa pelo fato de a obra por nós escolhida nesse trabalho, as *Memórias do Cárcere*, também se tratar de uma autobiografia.

Torna-se interessante mencionar que Luiz Costa Lima também escolhe as *Memórias do Cárcere* como objeto de sua análise e apresenta em seu livro um estudo de caso onde coloca a obra como uma forma híbrida: memória e autobiografia. Em nossa análise, contudo, acreditamos que ela é mais que memória e autobiografia, pois também apresenta elementos de ficção como veremos mais adiante e assim utilizaremos o conceito de híbrido duplo: memória, autobiografia e ficção também defendida por ele, que em sua análise, diferente da nossa, já não percebe as *Memórias do Cárcere* também como ficção.

Mas para não nos distanciarmos muito da sequência lógica da análise de Costa Lima, vejamos o que ele nos diz sobre a autobiografia, já que esse é o ponto em comum entre a análise do teórico e a nossa:

Sua destinação natural seria a de documento histórico e auxiliar. Mas, já ao surgir, a autobiografia é acompanhada da desconfiança do historiador quanto à sua fidedignidade. Mesmo antes de considerar a diferença que ela mantém quanto às memórias[...].Eis, portanto, um segundo subconjunto potencialmente literário, que independe da ficcionalidade. Se uma autobiografia ingressar na literatura será, independentemente da desconfiança do historiador, enquanto correlato sensível-codificado do mundo fenomênico. (LIMA,2006,p-352)

E isto porque há obras de tal modo formuladas que não mostram indícios de poderem um dia vir a ser consideradas literárias pelo fato de estarem intrincadas em uma rede de conceitos, algo que se põe no lado oposto do correlato sensível, com que descrevemos a espessura da linguagem literária.

Após tais considerações, o teórico chega finalmente ao conceito de formas híbridas, onde ele nos diz que vê abrir-se para a literatura uma terceira área: a das formas híbridas. E que por formas híbridas devemos entender aquelas que tendo uma primeira inscrição reconhecida, admitem, por seu tratamento específico da linguagem, uma inscrição literária. Para tanto, será preciso que se reconheça a permanência da eficácia das marcas da primeira, ao lado da presença suplementar da segunda.

As formas híbridas, com dupla inscrição, parecem por sua vez constituir o território mais extenso da literatura. Mas a formulação dessa área ainda não completa o território da literatura. A última área, ao contrário das anteriores, não tem algum traço específico, e não possui alguma dignidade própria. São chamadas literárias obras que não se destacariam por nenhuma inscrição particularizada. São ensaios que pouco experimentam para que se chamassem ensaios, são pesquisas historiográficas que apenas arredondam o que já se sabia, são fantasias que, sem romper com a dispersão própria à fantasia, falam incessantemente de sonhos despertos de alguém; são mais comumente livros de personagens do momento, políticos ou astros mediáticos, que o marketing precisa promover. A designação literatura é, nesses casos, pura arbitrariedade. Com o passar do tempo, podem se tornar curiosas ou ser

documentos de uma época. Na maioria dos casos, são apenas o que são: páginas reunidas para o consumo, obras compostas com o propósito de se tornarem best-seller que, não podendo ter outro lugar, são acolhidas pela heterogeneidade da literatura.

Assim disposto o quadro, nos deparamos com uma série considerável de gêneros ou, no último caso, de conglomerados. Nossa abordagem se restringe a duas formas próximas, a autobiografia e as memórias. Um esclarecimento sobre sua distinção: como o termo “autobiografia” se difunde a partir do final do século XVIII, observa-se a tendência de assim chamar o que antes se designava como memórias ou confissões. As memórias, contudo, se diferenciam pelo realce da face pública da experiência da vida de alguém, seja o próprio autor, seja um terceiro; realce que, ao se tratar da própria vida daquele que narra, frequentemente contém momentos de sua face interna, e de como ele se via a se próprio. *As Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, sendo predominantemente memórias, não deixam de ser, ao mesmo tempo, autobiografia. A memória é, de imediato, um documento histórico, uma fonte historiográfica que, configurando-se por um correlato sensível do que foi vivido, alcança uma inscrição literária suplementar. (LIMA,2006,p-353)

Após tais considerações, Costa Lima inicia seu estudo de caso com as *Memórias do Cárcere* e nos afirma que sem que deixe de ser um documento precioso, o texto das Memórias assume uma dupla inscrição. É um texto híbrido, documento e literatura. E como está bastante explícito na citação acima, o teórico acredita que as *Memórias do Cárcere* são puramente memória e autobiografia. Mas de nossa parte, como já frisamos anteriormente, acreditamos que as *Memórias do Cárcere* se inserem mais no conceito de híbrido duplo, pois acreditamos que estas possuem elementos ficcionais, evidentes ao longo de toda a narrativa, como já apresentamos no primeiro capítulo desse trabalho e como continuaremos evidenciando nesse.

Por ora, torna-se mais interessante conhecermos o que vem a ser um híbrido duplo, e no tópico de número 5 intitulado O híbrido duplo da “seção C: A Literatura” no livro *História. Ficção. Literatura* nos diz Costa Lima:

Gostaria de terminar este livro aqui. Mas já pulei tanta coisa que não posso eliminar um caso indispensável. Refiro-me a obras que têm uma dupla inscrição: memória e ou autobiografia e ficção. Embora essa seja uma prática comum entre romancistas contemporâneos, não deixa de ser uma dificuldade para o crítico de orientação teórica: como será possível combinar duas modalidades discursivas de formato tão diversos? Em que medida a ficção pode se meter na biografia de uma pessoa cuja vida não é segredo? Em termos abstratos, só uma resposta parece cabível: desde que a ficção, sem se diluir a si mesma, respeite o percurso biográfico. Para que assim suceda será forçoso um ajuste de planos. Como a biografia é o que é passível de comprovar-se documentalmente, é a base a ser explorada, ela há de constituir o plano maior, dentro do qual o ficcionista exercerá a sua *inventio*”(LIMA,2006,p-365)

No caso de Graciliano Ramos isso é fácil de entender e perceber. Primeiro o autobiógrafo das *Memórias do Cárcere* é um dos maiores romancistas da literatura brasileira, como já frisamos anteriormente tendo como referência Alfredo Bosi, de modo que seria perder-nos em descaminhos querer interpretar suas lembranças de preso político sem levar em consideração os padrões estilísticos e narrativos presentes na obra. Segundo que o próprio fenômeno da memória, através do ato de rememoração abre espaços para projeções, à medida que o acontecimento em si se torna cada vez mais distante, como pudemos observar através das considerações teóricas de Michael Pollak, ainda no primeiro capítulo desse trabalho.

Hermenegildo Bastos, em seu já mencionado livro, também acentua esse aspecto ao nos relatar que a grandeza das *Memórias do Cárcere* advém da ambiguidade do tratamento estético literário da memória. E que pela riqueza de construção, a narrativa autobiográfica parece constantemente resvalar para a ficção, e isto “porque estamos em presença de técnicas literárias de que o autor lança mão. [...] Os fatos da vida são retrabalhados intencionalmente pelo autor, em um processo de reaproveitamento artístico da experiência vivida” (BASTOS,1998,p-56).

O trabalho com a ficção é dessa maneira aqui por nós entendido, como o toque estilístico, o tratamento com a linguagem, que Graciliano dá a suas memórias, ao escolher determinadas falas ou personagens ao invés de outras, processo que é próprio também do recordar: a seleção. Enfim, de nossa parte acreditamos que era impossível a um romancista

de certa forma não romancear suas memórias, ainda mais em si tratando de um acontecimento tão marcante como um cárcere político que lhe pôs em contato com os mais variados tipos humanos, desde grandes líderes políticos conhecidos internacionalmente a meros ladrões e arrombadores de casas. A própria atmosfera de suspense que cerca a prisão e a viagem de navio como nos é narrada meio que kafkianamente já traz embutida o aspecto romanesco.

É importante frisar, contudo, que isso de modo algum diminui o valor das *Memórias do Cárcere* como testemunho de uma época. Até porque como o próprio conceito de Híbrido duplo deixa claro, a memória e ou autobiografia será a base maior a ser explorada, tendo em vista que ela é o que passível de comprovar-se documentalmente, como também é coletiva.

É válido ainda ressaltar no tocante às memórias e autobiografias, que estas são gêneros que se encontram por natureza entre os limites da história e da ficção. E isto porque há um discurso com objetivos similares aos do historiográfico, ou seja, informar determinados acontecimentos do passado, e outro cujos elementos de literariedade conferem marcas de ficção ao relato autobiográfico.

Dessa forma, o caráter rigoroso da veracidade do relato entra em colapso quando se leva em consideração o *eu* como centro gerador dessas narrativas, pois se por um lado ele busca a verdade, por outro, essa verdade é vista é vista pela ótica pessoal e subjetiva de quem parte o ato autobiográfico e, conseqüentemente alguns fatos vivenciados no passado podem, e na maioria das vezes é o que ocorre, transformar-se em ficção. Há, dessa maneira uma tensão entre a realidade propriamente dita, substrato que fornecerá os motivos da escrita, e a ficção, o resultado literário desses motivos como nos lembra Raquel Rolando Souza em *Faces do Narrador*. Que evidenciata também que verdade ou mentira é uma das questões que aflige diretamente a credibilidade que o rótulo autobiografia preconiza pois,

Para muitos, a realidade e a ficção são os dois elementos que digladiam em um par antitético. O ato de fingir compõe-se da importação da realidade vivencial para dentro do texto, repetindo-a a tal ponto que acaba por atribuir ao imaginário a qualidade do real sem sê-lo (cf.. ISER,1983) (SOUZA,2003,p-135)

Assim, a realidade que aparece no texto literário é uma alusão a algo que ela representa, mas não é. No entanto, o gênero autobiográfico propõe dissimulações para as marcas da ficcionalidade, pois na perspectiva de contar a verdade dos fatos vivenciados por um ser real, além do que ela chamou de um ser de papel(o narrador), as autobiografias formulam-se em uma noção generalizada e ingênua de que reproduzem a verdade estrita dos acontecimentos.

Ainda segundo Raquel Rolando Souza, as produções autobiográficas são caracterizadas pela tentativa de supressão do implícito **como se**, expressão esta que governa e determina a qualificação explícita do ficcional nos textos literários. Dessa forma, a realidade dada é percebida como ilusão de realidade.

De outra parte, o ato de fingir, nestes casos, não consiste demiurgicamente em formular um mundo imaginário e povoá-lo com seres *como se fosse o mundo real*. No gênero autobiográfico, a verossimilhança guarda relações íntimas com a realidade vivenciada pelo autobiógrafo e dela não pode, sob pena de fracassar a intenção de contar uma verdade, afastar-se ou olvidá-la. A supressão do **como se** é iniciada a partir do pacto de leitura que o autobiógrafo de antemão propõe ao seu leitor. Ao estabelecer uma tripla identidade, isto é, coincidência radical entre autor, narrador e protagonista, a narrativa autobiográfica induz a uma leitura que acarreta a crença de se estar lendo os episódios e tudo mais que significa a vida real de uma pessoa. (SOUZA,2003,p-135-136)

A autobiografia cria, dessa forma, a ilusão de que estes condicionantes são possíveis. E esta ilusão contratual faz com que o autobiógrafo incite o leitor a entrar em seu jogo, dando a impressão de um acordo aceito e assinado por ambas as partes, como, por exemplo, nessa passagem das *Memórias do Cárcere*:

Desgosta-me usar a primeira pessoa. Se se tratasse de ficção, bem : fala um sujeito mais ou menos imaginário; fora daí é desagradável usar o pronomizinho irritante, embora se façam malabarismo por evita-lo. Desculpo-me alegando que ele me facilita a narração. (Ramos,1986,p-37)

Esse pacto de leitura estabelecido pelo autor visa amenizar a situação da escrita autobiográfica que é extremamente ambígua, pois lida com a realidade propriamente dita, ou seja, a que já foi vivenciada, e com a imaginação que vai tornar inteligível essa vivência.

E mesmo que afirme que sua obra não se trata de ficção, a visão subjetiva dos acontecimentos é por natureza inerente ao gênero autobiográfico, pois as opiniões, as sensações e os julgamentos passam pelo crivo do eu que está narrando, como o próprio Graciliano deixa claro no capítulo de abertura, que outros devem possuir lembranças diversas, mas que ele vai contar as suas lembranças pessoais. E assim nos deixa claro mais uma vez Raquel Rolando que:

Não há espaço para uma pretensa objetividade historiográfica, porquanto o discurso autobiográfico é, por natureza de sua constituição, relativizado pela realidade concreta (aquilo que já foi) e pela imaginação (a ideia que temos da realidade já passada). (SOUZA,2003,p-145)

Por pertencerem a essa natureza, as memórias e autobiografias, são muitas vezes desconsideradas pelos historiadores que não confiam na fidedignidade do relato memorialístico, que por sua vez insiste em afirmar não ser ficção.

Com base nessa contenda, esse capítulo visa, entre outras coisas, discutir os limites dessas áreas e debater que a história, mesmo que se pretenda objetiva e científica e tenha como base a aporia da verdade, também se utiliza de elementos ficcionais na sua construção narrativa, e que a ficção por sua vez não é exclusividade da literatura, e que de modo algum esta deve ser entendida como sinônimo de mentira. E tudo isso para defendermos a ficção presente nas *Memórias do Cárcere*.

Torna-se nosso objetivo também, além da teorização acerca dos limites entre a escrita historiográfica e da escrita ficcional, compreender em que medida as *Memórias do Cárcere*, sendo memórias, se ficcionalizou. Como também evidenciar outros elementos nas *Memórias de Cárcere* que fazem a obra atingir aspectos de ficção sem, contudo, perder o valor de testemunho do período histórico conhecido como a ditadura Vargas. E dessa maneira, com base nas considerações de Raquel Rolando já podemos considerar mais um aspecto ficcional da obra(além dos que já apresentamos no primeiro capítulo) que é exatamente o fato dela ser

uma narrativa subjetivada. Aspecto que merece ser levado em consideração principalmente em se tratando de memórias de um escritor romancista.

E todo esse conflito que é próprio das narrativas autobiográficas, exatamente por serem de natureza híbrida, é imensamente assumido por Graciliano Ramos no capítulo de abertura de suas memórias; capítulo de suma importância para a compreensão do texto, e ao qual nos deteremos mais detalhadamente adiante, por ora é válido mencionarmos algumas considerações a mais acerca da obra.

Antonio Candido, por exemplo, em *Ficção e Confissões* nos diz acerca das memórias e autobiografias

É claro que toda biografia de artista contém maior ou menor dose de romance, pois dificilmente ele conseguiu pôr-se em contato com a vida sem recriá-la. Mas mesmo assim sentimos sempre um certo esqueleto de realidade escorando os arrancos da fantasia. (CANDIDO, 1992, p.50)

Essa citação nos deixa evidente que toda narrativa memorialística de algum escritor sempre terá o aspecto de ficção. No entanto, nesse mesmo livro, embora tendo reconhecido que toda biografia de artista contém elementos romanescos, Antonio Candido defenderá a ideia de que, as *Memórias do Cárcere* é puro depoimento, isenta de elementos de ficção, ao contrário do primeiro livro de memórias do escritor, *Infância*, que pode ser lido como ficção, se não considerado.

Infância pode ser lido com tal, pois a sua fatura convém tanto à exposição da verdade, quanto da vida imaginária; nele as pessoas parecem personagens e o escritor se aproxima delas por meio da interpretação literária, situando-as com criações[...] Muitas dessas pessoas aparecidas em *Infância* já eram nossos conhecidos de *Angústia*. (CANDIDO, 1992, p.51)

Percebemos que o critério utilizado por Candido para considerar o livro *Infância* como uma narrativa, embora memorialística, de aspecto ficcional é o fato de pessoas serem situadas como criações, como verdadeiras personagens de Graciliano Ramos, como também o fato de muitas dessas pessoas já serem conhecidas dos romances do escritor.

Como já foi mencionado, Candido não acredita que esses aspectos estejam presentes nas *Memórias do Cárcere*, sendo a obra puro depoimento. ‘*Memórias do Cárcere* é depoimento puro, muito distante da tonalidade propriamente criadora’ (CANDIDO, 1992, p-64)

Hermenegildo Bastos, em *Memórias do Cárcere: literatura e testemunho*, faz referência a inúmeras passagens do texto de Graciliano que ele considera como toques ficcionais como, por exemplo, a menção que ele faz aos efeitos estilísticos presentes na obra como mencionamos anteriormente, mas contraditoriamente insiste em afirmar que não há ficção nas memórias de Graciliano e concorda com Antonio Candido e nos afirma que nas *Memórias do Cárcere*, a intenção de Graciliano Ramos é distanciar-se da ficção e penetrar na esfera da autobiografia propriamente dita, e nos lança a seguinte pergunta: Qual a intenção que fundamenta as *Memórias do Cárcere*? E nos afirma que para construir a resposta dessa questão, cabe antes de mais nada entender a diferença entre esse livro e *Infância*, o primeiro livro de memórias de Graciliano.

Dir-nos-á ainda Hermenegildo que *Infância* também é uma narrativa de busca da identidade do eu, em que o passado não é só revisto, mas configurado no sentido da procura de um sentido para a vida. E que a diferença está no fato de *Infância* ser um livro resolvido ficcionalmente, enquanto que as *Memórias do Cárcere* são pura autobiografia, em detrimento da ficção, onde predomina a necessidade da confissão. Ainda segundo Hermenegildo Bastos, Graciliano distancia-se da ficção para se perguntar pelo sentido dela

Agora Graciliano personagem revisa as obras de ficção, comenta ou cita passagens dessas obras, avalia os mecanismos da sua criação, reescreve-as. Ele se pergunta até que ponto seus livros de ficção conseguiram dar voz às classes oprimidas. A necessidade imperiosa da confissão levou-o a abandonar a ficção. (BASTOS, 1988, p62)

De nossa parte, acreditamos que o mesmo critério utilizado por Antonio Candido, para acentuar a tonalidade romanesca de *Infância*, pode perfeitamente ser empregado também nas *Memórias do Cárcere*, pois nelas, também as pessoas e fatos são situados como verdadeiras criações do escritor e também existe personagem que era conhecido de obra ficcional, como o ladrão Gaúcho, que Graciliano Ramos conheceu na Colônia Correcional e que já nos havia apresentado no livro de contos *Insônia*, em capítulo Um Ladrão. E, além disso, a subjetividade que é inerente à escrita autobiográfica, acentua ainda mais os aspectos ficcionais dessa obra.

Na contramão de Antonio Candido e de Hermenegildo Bastos, acreditamos que as *Memórias do Cárcere* apresentam, sim, tonalidade criadora ou ficcional, como fizemos questão de deixar evidente ainda no primeiro capítulo desse trabalho, e como apresentaremos outros elementos a mais ao longo desse capítulo. E além da percepção de pessoas situadas como personagens, temos como base também a própria estrutura narrativa da obra, que traz suspense e mistério características próprias da escrita imaginativa, como observamos ainda no primeiro capítulo.

Mas já é evidente para a maior parte da crítica literária que as *Memórias do Cárcere* contêm elementos ficcionais. J. Guinsburg, por exemplo, num ensaio intitulado “Degraus nas trevas” nos afirma que as *Memórias do Cárcere* apresentam um singular desenvolvimento que abrange os diferentes aspectos da obra, que passa pelo individual, humano, social e político, começando pela própria forma literária, onde se alternam os momentos de ficção e depoimento numa unidade estilística assombrosa. Guinsburg dirá ainda que os recursos da ficção completam as informações do depoimento, esculpindo personagens e arrancando às superfícies planas o relevo e a profundidade dos ambientes. E que nos primeiro e terceiro volumes, por exemplo, que correspondem ao Porão do navio e à Colônia correcional respectivamente, encontram-se carregados de elementos de ficção sem, contudo, perder a veracidade. Guinsburg não menciona, mas é exatamente nesses volumes a que ele se refere como os mais ficcionais, ou seja, o primeiro e o terceiro, onde as notas que Graciliano redigia estão mais presentes e, como acreditamos, trazendo mais ficcionalidade ao texto. Além delas, a figura do ladrão Gaúcho na terceira parte da obra também acentuará o aspecto ficcional da obra.

Mas, ainda segundo o crítico, os elementos artísticos não só não falseiam as atmosferas rememoradas como nos comunicam diretamente uma viva impressão de cores mais autênticas de suas notas mais vibrantes, e de sua peculiaridade.

As personagens, no caso pessoas reais, surgem de corpo inteiro, exibindo as almas na crua nudez de uma palavra, de um gesto e de um olhar, segundo Guinsburg. É assim que Graciliano nos apresenta, por exemplo, na terceira parte do livro, uma das maiores personagens das *Memórias do Cárcere* :

Verdelino me interrompeu cálculos difíceis e me apresentou um rapagão espádulo, simpático, olho vivo de gavião. Uma curiosa madeixa de cabelos brancos enfeitava-lhe a testa e o lábio superior se erguia, descobrindo os dentes num sorriso sarcástico. Fisionomia aberta, ar decidido, admirou-me a franqueza de Verdelino ao dizer o nome e o ofício da personagem – Gaúcho, ladrão, arrombador. (RAMOS,1986, p.277)

Em outra passagem das memórias, temos um relato do ladrão Gaúcho, cuja a história está presente no livro de contos *Insônia*, e nos evidencia ainda mais o aspecto ficcional das memórias

Como eu dizia, o meu ajudante não prestava para nada. A última vez que me acompanhou, endoideceu e nunca mais se levantou. Arrombei a porta, fomos à copa, achei um queijo, comemos uma banda; piquei o resto e despejei querosene em cima. Só para fazer miséria. (RAMOS,1986, p.279)

Voltando porém às considerações teóricas, se a memória se situa definitivamente entre história e a ficção, onde começam e terminam os limites entre esses dois tipos de narrativas? E para nos ajudar a responder essa questão iremos recorrer ao aparato teórico de Luiz Costa Lima e Hayden White em seus livros *História. Ficção. Literatura e Trópicos do discurso* respectivamente. Ambos os teóricos têm em comum a percepção de que há uma carência de teorização suficiente acerca das proximidades e dessemelhanças entre a história e a escrita

imaginativa. Luiz Costa Lima, que busca explicar a proximidade entre história e poesia desde a Grécia antiga, acusa Hayden White de cair no extremo de colocar a História como um modalidade da ficção.

De nossa parte, acreditamos, assim como Hayden White, que colocar a escrita da História no mesmo patamar que a ficção de modo algum diminui aquela como fonte de conhecimento de eventos que ocorrera especificamente num dado tempo e espaço.

O que vem a ser a ficção para ser tão negada tanto no discurso historiográfico quanto no memorialístico? É Luiz Costa Lima quem a partir de agora norteará nosso caminho, nessa tentativa de compreender em que grau história e ficção se assemelham, se sobrepõem, ou se correspondem mutuamente.

Em seu já mencionado livro, Costa Lima fala que relações entre a história e a poesia eram mais próximas na antiguidade, até mesmo porque a escrita da história não era um área específica, mas que, no entanto, o decisivo é que ela surge com a premissa do registro da verdade do que houve. E que desde Heródoto, e passando por Tucídides, esta é a sua aporia.

São duas as semelhanças entre o historiador e o aedo, nos diz Costa Lima. A primeira é que ambos tinham a preocupação com o registro do que houve, ou seja, com o não esquecimento. A segunda é que convertiam a linguagem em narrativa, dotada de eficácia do convencimento, da retórica e da persuasão.

As diferenças são várias, mas a princípio são as noções de veracidade e ficcionalidade que serão suficientes para separá-los.

No entanto, verdade para o historiador era o que ocorria num determinado tempo e espaço, enquanto para o aedo era o que provinha da memória cultural, do que ouvia e que provinha da tradição oral

A historiografia antiga tinha seus parâmetros próprios, sem com isso confundir-se com os gêneros literários. A reconstituição pretendida pelo hístor não o impedia de omissões e seleções, que se tornam nocivas para a escrita da história quando são expressões do interesse do próprio historiador. Embora a proximidade com as formas literárias fosse maior na antiguidade, até mesmo porque a escrita da história não era reconhecida como uma área própria, o decisivo é considerar que ela surge com a premissa do registro da

verdade. A questão surge quando se confunde a aporia da verdade com um certo conteúdo concedido à verdade, e se confunde a forma discursiva de que ela quer se diferenciar como sinônimo de fantasia ou mentira. (LIMA,2006, p. 88)

A grande questão parece residir na apreciação negativa da palavra ficção como sinônimo de mentira ou fantasia. E, de fato, essa subalternidade da ficção se manteve até o início do século XIX, e é apenas com Wolfgang Iser, como nos diz ainda Costa Lima, que surgiu a percepção de que a ficção não é exclusividade da literatura.

É com Iser, através da noção dos atos de fingir que dar-se a substituição da noção de real-fictício para a de real-fictício-imaginário. É através da noção de ato de fingir, que consiste em provocar no texto a repetição da realidade vivida, que se instaura a dupla transgressão, que consiste na irrealização do real e o torna-se real do imaginário, ou seja, o real se apresenta como realidade.

Essa transgressão significa, a princípio, que o fictício tem uma dimensão pragmática própria, diferente dos outros discursos.

Mas de toda a síntese que Costa Lima faz do pensamento de Iser, o que nos interessa, além da já mencionada noção de que a ficção não é exclusividade da literatura, e o seguinte aspecto: que a ficção literária é aquela que desnuda sua ficcionalidade, diferente daquelas ficções que fundem instituições, sociedades e imagens de mundo, como por exemplo faz a história, que buscando uma objetividade científica nega a sua ficcionalidade.

A ficção literária se distingue daquelas que fundem instituições, sociedades e imagens de mundo, porque ao contrário destas, supõe que desnuda sua ficcionalidade. Entendemos esse desnudamento como a tendência que a ficção literária tem de se expor, não como um simulacro da realidade, mas como uma apresentação desta, muitas vezes desmistificante (LIMA,2006,p.92).

Acreditamos ser válido a partir de agora mencionarmos o pensamento de Hayden White no tocante a ficção na escrita historiográfica, para que possamos desmistificar a noção negativa de ficção.

Nos diz White que em geral houve relutância em considerar a escrita historiográfica como aquilo que de fato são: ficções verbais cujos conteúdos são tão inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com a literatura do que com as ciências

No seu empenho de compreender o registro histórico que é sempre incompleto, os historiadores precisam fazer uso da imaginação construtiva, que dizia ao historiador 'qual deve ter sido o caso', dados os testemunhos disponíveis e as propriedades formais que ela revelou à consciência capaz de formular a questão certa com relação a ela. (WHITE,2001, p.100)

Nenhum conjunto de dados de acontecimentos históricos, por si só formam uma história. Pois os acontecimentos são de valor neutro e estes precisam da decisão do historiador para configurar-se em uma determinada estrutura de enredo ao invés de outra.

O modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, mas vale dizer, criadora de ficção. e chama-la assim não deprecia de forma alguma as narrativas históricas como fornecedoras de um tipo de conhecimento. (WHITE,2001 p. 102)

No que o pensamento de White difere do de Costa Lima é no seguinte ponto: White vê a ficção como sinônimo de literatura e coloca a escrita da história como uma modalidade da ficção, Costa Lima por sua vez aponta que ficção não é exclusividade da literatura.

Ambos, no entanto, concordam com o fato de que há muita carência de teorização sobre esses discursos, como também no fato de não considerar a Ficção como algo menor, ou mentira, mas como um processo normal dentro das narrativas.

Hyden White nos dirá ainda que, considerada como um sistema de signos, a narrativa historiográfica aponta para duas direções: para os acontecimentos descritos na narrativa e para o tipo de história ou *mythos* que o historiador escolheu para servir como ícone da estrutura dos acontecimentos:

É esquecido muitas vezes ou, quando é lembrado, é negado que nenhum conjunto de eventos atestados pelo registro histórico compreende uma estória manifestamente acaba e completa. Isso é tão verdadeiro quanto no caso de acontecimentos que abrangem a vida de um indivíduo quanto no caso de uma instituição, uma nação ou todo um povo (WHITE,2001,p. 106)

Isso quer dizer que os únicos instrumentos que o historiador tem para dar sentido aos seus dados, tornar compreensível o passado e familiar o estranho são as técnicas de linguagem figurativa. E todas as narrativas históricas pressupõem caracterizações figurativas dos eventos que pretendem representar e explicar. E isso quer dizer que as narrativas históricas, consideradas artefatos verbais, podem ser caracterizadas pelo modo discursivo figurativo em que são moldadas.

O que tudo isso indica é a necessidade de revisar, na discussão de formas narrativas, como a historiografia, a distinção convencionalmente estabelecida entre o discurso poético e o discurso em prosa, e de reconhecer que a distinção tão antiga quanto Aristóteles, entre História e poesia tanto obscurece quanto ilumina as duas áreas. Se há um elemento do histórico em toda poesia, há um elemento da poesia em cada relato histórico do mundo (WHITE,2001, p.115)

Dirá ainda White que a distinção mais antiga entre ficção e história, na qual a ficção é concebida como representação do imaginável e a história como representação do verdadeiro, deve ceder lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o real comparando-o ao imaginável.

Trata-se de uma ficção do historiador a suposição de que os vários estados de coisas de que constitui na forma de começo, meio, e fim, de um curso de desenvolvimento, sejam todos verdadeiros e que ele simplesmente registrou o que aconteceu na transição da fase inaugural para a fase final. Porém, tudo é inevitavelmente construção poética, e como tal, dependente da modalidade de linguagem figurativa utilizada para lhe dar aspecto de coerência.

Deve-se vê no discurso historiográfico um sistema de signos que culmina primeiro, para o conjunto de eventos que tenciona descrever e, segundo, para a forma genérica de história a qual ele equipara o conjunto a fim de expor a sua coerência formal, considerada ou como a estrutura ou como o processo.

Os eventos históricos diferem dos ficcionais nos modos que se convencionou caracterizar desde Aristóteles. Os historiadores ocupam-se de eventos que podem ser atribuídos a situações específicas de tempo e espaço, eventos que são ou foram observáveis, ao passo que os escritos imaginativos, poetas, romancistas, dramaturgos, se ocupam tanto desses eventos, quanto dos imaginativos. A questão fundamental não é a natureza dos tipos de eventos com que se ocupam historiadores e escritores imaginativos, mas em que grau esses discursos se sobrepõem, se assemelham ou se correspondem mutuamente:

Embora os historiadores e os escritores de imaginação possam interessar-se por tipos diferentes de eventos, tanto as formas de seus respectivos discursos como seus objetivos na escrita são os mesmos e além disso pode-se mostrar que as técnicas de que se valem na composição de seus discursos são substancialmente as mesmas. (WHITE, 1928, p.137)

Partindo desse pensamento de White, e tendo a consciência de que a memória se situa entre a história e a ficção, acreditamos que as *Memórias do Cárcere* também compartilham dessas premissas, pois o que o escritor Graciliano Ramos nos relata em suas memórias são acontecimentos que se deram num determinado tempo e espaço e foram observáveis, ou seja, a ditadura de Getúlio Vargas. No entanto, ao relatar episódios ocorridos a dez anos é inquestionável que o trabalho de escritor romancista, o trabalho com a imaginação iria estar presente nas *Memórias do Cárcere* e também Graciliano iria se utilizar de técnicas da

linguagem figurativa na composição de seu discurso para nos oferecer uma imagem verbal da realidade vivida no cárcere.

E como fizemos questão de mencionar anteriormente, toda essa complexidade de compor uma narrativa que por natureza se situa em zona fronteiriça entre historiografia e ficcionalidade, acentuada por elementos de intensa subjetividade que é próprio da autobiografia, Graciliano Ramos já deixa evidente no primeiro capítulo das *Memórias do Cárcere*, que já evidencia todo o conjunto de ambiguidades de gênero com qual nos deparamos na leitura da obra.

Graciliano inicia o capítulo de apresentação das memórias, por exemplo, nos revelando que depois de muita hesitação resolveu contar casos passados há dez anos. E com essa afirmação nos faz lembrar Marcio Seligman Silva que nos diz em seu livro *História, Memória, Literatura* que a memória como também a linguagem, com seus atos falhos, torneios de estilo, silêncio, entre outras coisas, não existem sem a sua resistência.

E Graciliano resistiu tanto quanto pode e narrou os acontecimentos que se deram como ele nos afirma, há dez anos. Mas na realidade Graciliano menciona esses dez anos em referência aos acontecimentos relativos à prisão durante a ditadura, que é o motivo que inicialmente justifica a escrita dessas memórias, mas que quando adentramos na leitura propriamente dita da obra, os casos que o escritor narra vão além dessa cronologia, como também do espaço da prisão, como mencionamos no primeiro capítulo. A memória parte do cárcere político, ou seja, o escritor escolheu esse momento histórico como o ponto de partida para na realidade rememorar toda a sua vida pessoal e literária. Então esses dez anos a que ele se refere não correspondem realmente às memórias que vamos encontrar na obra.

E, além disso, como acreditamos que essa obra tem muito de ficcional, vale ressaltar ainda que de nossa parte acreditamos que a escolha do cárcere como o lugar de onde partem as memórias, se deve entre outras coisas ao fato de Graciliano ter o manifesto desejo de compor um romance sobre a vida da cadeia. Fato que ele mesmo nos relata em diversas passagens das memórias, e que nunca foi concretizado. E isto acaba de certa forma explicando também a acentuada tonalidade romanesca que a suas memórias iriam assumir. Ou seja, o escritor por não ter conseguido criar o romance que tanto desejava sobre a vida da cadeia, conseqüentemente ao rememorar essa situação tão marcante em sua vida, iria dar toques

ficcionalis ao seu discurso, que por sua própria natureza de autobiográfico, já é ficcional. Para sermos mais precisos, é como se as *Memórias do Cárcere* fossem duplamente ficcionais.

Mas voltando à afirmação de Graciliano de que irá narrar em suas memórias fatos passados há dez anos, já podemos perceber como é complexa essa atividade de se colocar em narrativa, tendo em vista que a escrita não atinge a realidade que já foi vivenciada. Pois ele afirma que vai narrar acontecimentos vividos há dez anos, mas ao logo da narrativa a memória se manifesta completamente livre em relação a essa cronologia que o autor tenta estabelecer na primeira linha da primeira página das memórias.

E, dessa forma, fica evidente que a memória diferente da história é acronológica, e não se dá num determinado tempo e espaço, como o historiador, por exemplo, faz com sua narrativa. E embora Graciliano afirme que vai narrar acontecimentos que se passaram há dez anos e que suas memórias são do cárcere, o que percebemos durante a leitura da obra, é o fluxo livre da memória através de cenas da vida pessoal, da vida política, e principalmente da vida literária, mesmo dentro de capítulos construídos intencionalmente em uma ordem cronológica que se dá desde o início da prisão até os últimos dias do cárcere. Ou seja, os capítulos são construídos cronologicamente, o que evidencia o trabalho de construção desse texto que o aproxima bastante da ficção. Mas nos conteúdos desses capítulos cronológicos a memória se manifesta como de fato ela é: fluída e não linear: acronológica. O que faz com Graciliano rememore o que ele já rememorava quando estava preso, algo como uma memória na memória como colocamos no primeiro capítulo, ou mesmo que repita o mesmo assunto diversas vezes como ele mesmo nos afirma no capítulo de abertura:

Não me agarram métodos, nada me força a exames vagarosos. Por outro lado, não me obrigo a reduzir um panorama, sujeitá-lo a dimensões regulares, atender ao paginador e ao horário do passageiro do bonde. Posso andar para a direita e para a esquerda como um vagabundo, deter-me em longas paradas, saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares conhecidos. Omitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parecer conveniente. (RAMOS, 1986,p- 36)

Graciliano Ramos consegue dessa forma uma façanha que só mesmo um escritor de seu porte conseguiria fazer: um livro de memórias que é construído em capítulos que obedecem a

uma ordem cronológica que corresponde a diferentes momentos passados na prisão e que faz com que a obra assuma aspecto de romance, tendo em vista que ele mesmo tinha esse interesse de escrever um romance sobre o cárcere; e ao mesmo tempo não perca a fluidez própria do ato de recordar. E assim, a obra adquire o aspecto híbrido, pois é fluída em ordem cronológica e construída intencionalmente. É memória e romance ao mesmo tempo. Memória esteticamente retrabalhada.

Mas voltando ao primeiro capítulo já que a proposta é nos determos minuciosamente nele e perceber as ambiguidades de gênero que se apresentam, logo após mencionar que hesitou escrever suas memórias durante muito tempo, Graciliano expressa a necessidade de nos revelar os motivos porque silenciou e porque decidiu escrever.

E é assim, por exemplo, que ele nos apresenta o primeiro motivo que o impediu de escrever, que é o fato de não conservar notas, e nos diz que as que ele tomou durante longos meses de observação no cárcere foram inutilizadas. Assim, com o decorrer do tempo, ia parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, segundo o escritor, redigir a narrativa.

Além disso, nos diz Graciliano, ainda no primeiro parágrafo do primeiro capítulo, que julgando a matéria superior as suas forças, esperou que outros mais aptos se ocupassem dela, e que também lhe afligia a ideia de colocar no papel criaturas vivas sem disfarces com os nomes que tinham no registro civil, pois repugnava-lhe a ideia de deformá-las, ou dar-lhes pseudônimos e fazer do livro uma espécie de romance. Mas em seguida o escritor se questiona se tinha o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira. E é interessante observar já a partir daqui uma primeira ambiguidade de gênero presente nessa obra.

O escritor alagoano coloca a perda das notas que ele fazia na cadeia como o primeiro e mais importante motivo da sua impossibilidade de escrever a narrativa. É válido mencionar, contudo, que essas notas eram um esboço de romance sobre a vida na cadeia. Então como é possível que essas notas que se tratavam de ficção transformaram-se em um grande impecílio para a escrita dessas memórias que se pretende verídica? Acreditamos que só uma resposta parece cabível: Graciliano hesitou em escrever as memórias porque na verdade continuou desejando escrever o romance que nunca se realizou. E as memórias que parecem substituir essa primeira intenção consequentemente acabaram adquirindo aspectos de ficção.

Graciliano aponta também como outro motivo que poderia alegar para a hesitação em escrever, aquilo que chamou de “pequeno fascismo tupinambá”. Mas o escritor nos diz que se apontasse isso como um dos motivos estaria sem qualquer vestígio de autoridade, pois ele não impediu nenhum escritor de escrever, pois não havia censura prévia em obra de arte.

Então, percebemos que são quatro os motivos que o escritor aponta como os impecílios à escrita dessas memórias: a ausência de notas; a espera que outros se ocupassem da narrativa; não expor pessoas vivas; e por último o pequeno fascismo tupinambá que não censurava previamente as obras de arte, mas que, por outro lado, segundo o escritor, retirava o desejo de escrever.

Como nesse capítulo já enfatizamos que acreditamos que essas notas trazem um toque ficcional à obra, é válido evidenciarmos mais uma vez que elas se apresentam como o primeiro motivo da recusa em escrever. Ou seja, Graciliano afirma que por não possuir tais notas, era quase impossível escrever essas memórias, o que nos leva a questionar o porquê se a memória diferente da história é livre, e não depende de documentos ou registros de qualquer espécie.

Se a perda dessas notas é colocada como o primeiro e conseqüentemente mais importante motivo para o atraso da escrita das *Memórias do Cárcere*, é de se supor que elas tinham uma suma importância para Graciliano. E ele mesmo nos relata em diversas passagens que se tratava de um esboço de um romance sobre a vida na cadeia, ou seja, o escritor pretendia fazer obra de ficção.

Mas continuemos no primeiro capítulo das *Memórias do Cárcere* antes de entrarmos na questão de como essas notas não estão e ao mesmo tempo estão presentes no texto.

Logo após nos apresentar esses quatro motivos que o impediram de se entregar à narrativa, Graciliano se pergunta se eles teriam desaparecido. E afirma em seguida que alguns se atenuaram, que outros se modificaram, determinam o que antes impediam, que converteram-se em razões contrárias.

E menciona que o receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que ainda estavam vivas não o atormentava mais, e isto porque muitos desses companheiros distanciaram-se, e os que permaneceram vão relembrando junto a ele alguns episódios, e Graciliano afirma

que a exigência se fixa. E assim, o autor reconhece que sua obra é, entre outras coisas, memória coletiva.

Graciliano afirma ainda que o fato de exibir pessoas também não o atormente mais porque se ele desagradar ou ofender alguém, não experimentará o desagrado, pois está a descer à cova e que o livro terá publicação póstuma, como de fato teve.

No tocante à segunda objeção apresentado pelo autor, que corresponde à ideia de que outros poderiam fazer também uma narrativa sobre esse cárcere político, Graciliano menciona que de fato há, entre seus companheiros, sujeitos de mérito, capazes de fazer sobre os sucessos a que ele vai se referir, obras valiosas. Mas que tais companheiros são especialistas, eruditos, inteligências confinadas á escrupulosa análise do pormenor, e que ainda são olhos afeitos à investigação em profundidade. E que em relação a eles, nos diz ainda Graciliano Ramos, se acha em situação vantajosa, pois tem exercido vários ofícios e que esqueceu todos, e assim pode mover-se sem nenhum constrangimento, pois não irá se agarrar a métodos, e nem a exames vagarosos.

Assim, Graciliano assume que além de memória coletiva, sua narrativa será também autobiográfica, pois é a subjetividade que irá ditar os caminhos da sua narrativa. E deixa evidente ainda que dispensa de seu processo de escrita os métodos que se propõem a investigação ou á análise em profundidade. E assim Graciliano dispensa, por exemplo, a pretensa objetividade histórica e assume definitivamente que será guiado por sua subjetividade. E dessa forma, a obra é memória e autobiografia.

O escritor chega finalmente nesse capítulo de abertura da obra à explicação da primeira objeção que se impôs que foi exatamente sobre a ausência das notas. E repete que não guardou as notas porque num dado momento de aperto foi obrigado a jogá-las, como aparece no texto das *Memórias do Cárcere*. E em seguida se questiona se a perda foi irreparável:

Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. Se ele existisse verme-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das

árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos.(RAMOS, 1986,p-36)

O resto do capítulo é constituído de observações que o autor faz no tocante às dificuldades próprias da escrita memorialística que é repleta de falhas e vacilações próprias do fenômeno da memória:

Nessas vacilações dolorosas, às vezes necessitamos confirmação, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia discrepante não é ilusão. Difícil é sabermos a causa dela, desenterramos pacientemente as condições que a determinaram. Como isso variava em excesso, era natural que variássemos também, apresentássemos falhas. (RAMOS,1986,p-37)

E finalmente Graciliano chega ao final do capítulo de apresentação das memórias e nos relata que não gosta de usar a primeira pessoa, e seguindo a ordem quase natural das autobiografias, tenta negar as marcas da ficcionalidade ao mencionar que se a obra fosse ficção, onde fala um sujeito mais ou menos imaginário, mas que fora daí é insuportável adotar o “pronomizinho irritante”

No tocante à perda das notas, acreditamos que estas são os motivos que Graciliano Ramos menciona que converteram-se em razões contrárias ao que antes impedia a escrita. E isto porque parece que elas determinam, pelo menos na primeira parte do livro, a razão da escrita das *Memórias do Cárcere*, que é narrar a impossibilidade que teve o escritor de escrever o livro sobre a vida na cadeia.

E isto fica fácil de entender quando lembramos que nessas memórias o autor se representa acima de tudo como escritor como fizemos questão de deixar evidente no primeiro capítulo deste trabalho. E, dessa forma, inevitavelmente sua atividade estaria presente ao longo de toda a narrativa. Graciliano jamais não poderia não estar escrevendo nessas memórias, e é assim que as notas estão presentes no texto, para a nossa surpresa, visto que quando afirma que esse material não existe e que se inclina a supor que foi bom perdê-lo, acreditamos que a questão está dada por encerrada, mas que na realidade quando adentramos

ao longo da narrativa lá estão as notas, se não elas precisamente, mas a narração do exagerado esforço que fez o escritor de escrevê-las, trazendo dessa maneira uma atmosfera bastante ficcional ao texto.

Escrever é uma forma de ocupação de Graciliano quando estava preso. Torna-se uma necessidade quase vital, como se ele só se percebesse realmente vivo se escrevendo. É a sua marca registrada, o seu distintivo perante os outros presos, pois o tempo todo ele se isola e sente a necessidade de observar e registrar. A atividade de escrever não cessa nunca, e é logo percebida pelos demais companheiros de prisão que de certa forma lhe oferecem apoio para a atividade, ou quando não pedem favores ao escritor para a redação de manifestos ou louvores dentro da cadeia.

As notas foram perdidas, mais temos acesso a elas de outra maneira. Elas existem nas *Memórias do Cárcere* e fazem parte da memória literária do escritor, além de trazer a ficcionalidade que estamos assinalando.

Graciliano lamenta a perda das notas no capítulo de abertura da obra, mas na realidade há ao longo da narrativa constantes referências a elas, mas precisamente em seis capítulos apenas na primeira parte do livro. E esses capítulos narram a impossibilidade do escritor de concluir esse livro sobre a cadeia.

A primeira referência às notas depois do capítulo de abertura se dá no capítulo 10 da primeira parte do livro, quando o escritor ainda preso num quartel do Recife nos relata que decidiu compor uma narrativa dos casos diários. Aqui as notas parecem que iriam assumir o caráter de diário.

Já no capítulo 12, ainda da primeira parte Graciliano refere-se a uma prosa vagabunda, de péssima qualidade que tentava escrever, mas que estava se revelando uma tentativa frustrada, pois “Havia chumbo na minha cabeça. E eu a imaginar fabricar uma novela na cadeia, devagar, com método, página hoje, página amanhã (RAMOS, 1986, p-98).

A terceira referência às notas aparece quando Graciliano já estava no Porão do Manaus e nos relata que se sentia inútil e ocioso, e que era necessário escrever, narrar os acontecimentos em que se embaraçava. Mas que lhe faltava calma, e que de certo não conseguiria desenvolver a narrativa. Porém como se havia imposto essa tarefa era necessário realiza-la, disciplinar o pensamento rebelde, descrever o balanço das redes, os fardos humanos

abatidos pelos cantos, arquejar no enjoo, a vomitar, e as feições dos novos amigos a acentuar-se.

Era necessário escrever ainda, porque ali se exibiam aspectos inéditos da sociedade para ele, e assim nos relata no capítulo 22 da primeira parte:

Avizinhei-me dos meus troços, afastei a calça e o paletó, dobrados cuidadosamente, abri a valise, retirei o bloco de papel e um lápis, arrumei tudo de novo, sentei-me num caixão, pus-me a escrever à luz que vinha da escotilha. Provavelmente fiquei horas a trabalhar desordenadamente. Queria atordoar-me sem dúvida. As letras se acavalavam, miúdas para economizar espaço, e as entrelinhas eram tão exíguas que as emendas se tornavam difíceis. Realmente nem me lembrava de corrigir a prosa capenga. Faltava-me a certeza de um dia poder aproveitá-la. Os guardas viam-me entregue a ela; quando mal me precatasse, viriam examiná-la, destruí-la; ou talvez eu mesmo a inutilizasse. [...] Escrevi até à noite. Se houvesse guardado aquelas páginas, com certeza acharia nelas incongruências, erros, hiatos, repetições. (RAMOS,1986,p-151)

Sempre mencionado a impossibilidade de escrever, Graciliano, dessa vez no capítulo 25 relata: “Recolhi-me, fui entregar-me à redação das minhas notas, mas não conseguia fixar-me nelas: a atenção se desviava, fugia para uma figura negra que nos examinava.” (RAMOS,1886,p-164)

A figura era um eclesiástico, que o escritor menciona nesse mesmo capítulo, que se chamava Padre Falcão e que permaneceu um tempo no porão do navio sendo solidário aos presos. Em seguida nos diz o narrador: “A verdade é que não consegui escrever. Deitei-me cedo, sem tirar os sapatos, como no dia anterior.” (RAMOS,1986,p-165)

O capítulo 26 da primeira parte, por sua vez, é todo dedicado a essas notas. Graciliano menciona que o padeiro do navio após observar a sua dificuldade de manter-se escrevendo com pouca luz e a valise sobre os joelhos servindo de escrivantina, oferece-lhe o camarote para que o escritor pudesse se entregar a sua narrativa. E nos relata em seguida, após mencionar que não se lembra do oferecimento e que não consegue reconstituir a figura do padeiro que lhe deixou poucos traços no espírito:

E achei-me num cubículo onde havia um beliche, mesa estreita e cadeira. Havia-me em dois ou três dias esquecido completamente desses confortos. Agora podia utilizar móveis. Arriar no assento gasto, alongar o braço em cima de uma tábua, escrever direito; a luz que entrava pela vigia, às minhas costas, iluminava parte do papel. Fechava-me, aturdia-me na composição. O espírito estava lúcido, mas era lucidez esquisita: percebia tipos, ocorrências, em fragmentos; quando se tratava de estabelecer relação, surgiam cortes hiatos, falhas alarmantes.(RAMOS,1986,p.169)

E a impossibilidade de escrever continua sendo registrada. Graciliano menciona em seguida que mesmo no camarote estava intranquilo, confuso e preguiçoso. E a narrativa sai das notas e passa ao porão do navio, onde o escritor menciona a sua impaciência diante do barulho das marmitas e do cheiro da comida que ele não tocava há vários dias.

O narrador o tempo todo tenta justificar a inércia em que se encontrava, e menciona o barulho dos gemidos, dos vômitos e roncos como os responsáveis por sua incapacidade de escrever. Além disso, havia os variados tipos humanos que viviam a lhe roubar a atenção do trabalho. E é interessante que, nesse momento, a narrativa se centra nessas pessoas e em seus caracteres particulares, o que nos dá a impressão de que estamos lendo o que Graciliano personagem escrevia em suas notas. E, de fato, após a minuciosa descrição desses tipos, Graciliano menciona:

Impossível fixar a atenção no período rabiscado, emendado, incompleto. No camarote do padeiro a insuficiência permanecia, e já não tinha recurso para justificar-me. Vergado no caixão, quase de cócoras, o braço encolhido, limitar-me-ia a reproduzir cenas próximas; agora isolado, necessitava arrumar pensamentos, e eles recalcitravam. Defendia-me dizendo a mim mesmo não me achar inteiramente só: aqueles berros, ali próximo, rebentavam-me os tímpanos. Quem estaria a vociferar com tanta violência? (RAMOS, 1986,p.171)

Em seguida nos são apresentadas mais algumas personagens e suas particularidades, bem como outras cenas das atrocidades vividas no porão do Manaus. Graciliano penalizasse por presenciar o sofrimento de duas mulheres que também estavam sofrendo as humilhações impostas no navio como, por exemplo, o calor excessivo, enquanto ele estava a ocupar o

camarote do padeiro, que, segundo ele, em relação à furna que elas ocupavam, representava luxo e ostentação.

Afligia-me ocupá-lo[...]Envergonhava-me. Talvez essa vergonha fosse um pretexto para abandonar o lápis e o papel. A verdade é que não me trancava muitas horas. Ordinariamente deixava a porta aberta, em minutos o cubículo se enchia. Como prosseguir na tarefa diante daqueles indiscretos que me viam examinar a escrita por cima do ombro? Além de tudo era-me indispensável observar as pessoas, exibi-las com relativa fidelidade. Outra razão para a vadiagem. Os meu desesperados esforços rendiam menos que nos primeiros dias. (RAMOS,1986,p-173)

As notas aparecem pela última vez na primeira parte do livro no capítulo 30, onde Graciliano Ramos narra que sua saúde já estava bastante fragilizada devido aos longos dias sem se alimentar, mas que, entretanto, isso não o perturbava, pois pior do que estar mal de saúde era a certeza de que nada iria significar a prosa lenta e capenga que ele construía com enorme preguiça na prisão.

Escasseava a matéria, fugia a expressão. Dois volumes publicados e um inédito eram mesquinhos, o primeiro um horror, o último precisando emendas e cortes, o bom senso afirmava isto, mas a literatura atual, guardada na valise, era muito pior. (RAMOS,1986,p-188)

E parece que Graciliano realmente quer se convence disso e também ao leitor, pois as referências às notas não mais aparecem nessa primeira parte das *Memórias do Cárcere*, vindo a aparecer novamente apenas na segunda parte do livro, intitulada “Pavilhão dos primários”, em um único capítulo, o de número 11 onde nos relata:

Um entusiasmo de fogo de palha às vezes me levava a retirar os papéis da valise, insinuava-me a esperança de arrumar observações razoáveis sobre a vida na cadeia, mas o trabalho avançava lento demais, o jogo de xadrez e a vagabundagem nos cubículos me absolviam. Era o livro difícil, mais de um mês a capengar do quartel do Recife ao chiqueiro do Manaus, daí à casa de Detenção, que deveria negociar, caso me fosse possível dedicar-me a ele. (RAMOS,1986,p-264)

Na terceira parte do livro intitulada “Colônia Correccional”, que acreditamos ser junto com a primeira, as mais ficcionais dessas memórias, as notas voltam a aparecer em dois momentos diferentes. Primeiro no capítulo 3, quando Graciliano estava se preparando para deixar o Pavilhão dos Primários em direção à Colônia Correccional de Dois Rios, e depois no capítulo 7, que é exatamente quando ele teve que se desfazer delas.

No capítulo 3, narra Graciliano que as notas redigidas em vários meses davam-lhe receio, pois apesar de terem sido escritas em longos intervalos de marasmo e preguiça, estas se alargavam em mais ou menos quarenta ou cinquenta páginas cobertas de letras miúdas e linhas tão próximas que as emendas se tornavam impossíveis.

Ocultavam-se entre cuecas e lenços, mas com certeza não conseguiriam entrar na Colônia. Não cabiam dentro dos sapatos; imaginei guardá-las por baixo da camisa, enfaixar as pernas com elas; necessitava barbante para amarrá-las. Escapariam à revista?” (RAMOS,1986,p-320)

E, finalmente no capítulo 7 da terceira parte, Graciliano nos apresenta a cena em que teve que se desfazer das notas quando já estava prestes a entrar na Colônia, e narra que após receber alguns maços de cigarro que havia encomendado e metê-los nos bolsos, percebeu o volume que as folhas representavam e imediatamente as jogou na água, pois o certo é que elas significavam culpa e se fossem descobertas, lhe renderia aborrecimento. “ Representavam

meses de esforço, nenhuma composição me fora tão custosa, mas naquele momento experimentei uma sensação de alívio. Não me ocorreu o prejuízo” (RAMOS,1986,p-335).

E dessa maneira, como fizemos questão de apresentar minuciosamente, as notas aparecem no texto atual trazendo toda uma atmosfera ficcional às memórias.

Mas como evidenciamos ainda no início da terceira parte do livro, ou seja, no capítulo 7, Graciliano se desfez das notas e conseqüentemente elas desaparecem da narrativa. No entanto, a tonalidade ficcional dessa terceira parte será mantida, como fizemos questão de ressaltar que, junto com a primeira parte do livro, são as mais ficcionais das memórias.

Desaparecem as notas e surge em seu lugar a figura do Ladrão Gaúcho, de quem Graciliano se torna amigo e, coincidentemente assim como fez em relação às notas na primeira parte do livro, também dedica a narração de suas histórias seis capítulos na terceira parte da obra.

A figura de Gaúcho se apresenta tão marcante nessa terceira parte que chega a ofuscar as demais personagens. E assim, ao longo dos capítulos 11,13,17,23,24 e 28 as histórias engraçadíssimas do ladrão e arrombador chegam mesmo a irromper no texto das *Memórias do Cárcere* e nada nos faz lembrar que estamos lendo uma memória de um período histórico caracterizado por uma ditadura. Dessa maneira, na Colônia Correccional a obra adquire definitivamente o caráter de romance.

Gaúcho é tão importante, enquanto elemento ficcional dessa terceira parte, que Graciliano não menciona que voltou a escrever novas notas e não faz referências a elas como fazia na primeira parte. O escritor apenas comenta com o ladrão que tinha o interesse de escrever um livro sobre a vida na cadeia e que com certeza ele seria uma das grandes personagens, mas não mais relata o processo de escrita, e só vamos tomar conhecimento de que Graciliano se dedicava na Colônia Correccional à construção de outras notas, depois das que foram jogadas na água, quando no capítulo 31, exatamente quando ele muito triste por ter que se despedir de Gaúcho e ter a certeza de que jamais o veria novamente, menciona:

O que não estava em segurança eram as notas guardadas entre meias e lenços, doidice pretender levá-las. Novo trabalho perdido. Peguei-as, contei-as: umas quarenta páginas inúteis. Rebentei o cordão que prendia a esteira ao forro da cama, abri um esconderijo, meti-as ali. Quando as achassem, haveria um fuzê dos diabos. Gaúcho e Cubano fizeram-me a derradeira visita, afirmei que sentiria muito prazer se nos encontrássemos na rua. Parecia-me entretanto difícil rever-nos, e isto me afligia.[...] Não me seria possível reconstituir no futuro a massa informe, imponderável. Os papéis abandonados entre os ferros da cama e a esteira iam fazer-me falta (RAMOS,1986,p.429).

Com essa citação chegamos ao final desse capítulo onde tentamos evidenciar a presença marcante da ficção na primeira e na terceira parte das memórias, através da presença das notas que Graciliano Ramos fazia durante alguns meses de cárcere, bem como através da presença marcante de Gaúcho, que substitui as notas enquanto toque ficcional na terceira parte do livro.

Assinalamos ainda a coincidência de números de capítulos dedicados tanto às notas na primeira parte, quanto a Gaúcho na terceira. E, por ora, é válido mencionarmos mais uma coincidência entre as notas e o ladrão, os dois elementos ficcionais mais evidentes nessas memórias, que é exatamente essa que nos é relatada no capítulo 31: ao mesmo tempo em que Graciliano narra que teve que se desfazer mais uma vez das notas, narra a sua despedida de Gaúcho, ou seja, nenhum dos elementos ficcionais tem maior número de capítulos, eles terminam com o mesmo “peso”.

Acreditamos, dessa maneira, que esses elementos, juntos com os que apontamos ainda no primeiro capítulo, são suficientes para dar a obra o aspecto de romance, ainda mais quando lembramos que o escritor tinha o manifesto desejo de compor um livro sobre a vida na cadeia. Era natural que não tendo realizado o intuito, ao se propor a escrever memórias, que estas inevitavelmente estariam carregadas de ficcionalidade. Ainda mais levando-se em consideração que para Graciliano Ramos o romance era uma forma superior de vida, e que o seu grande amor era pela prosa, declarações feitas pouco antes de morrer, como nos lembra Ricardo Ramos mais uma vez em *Graciliano Ramos: retrato fragmentado*.

E Ricardo Ramos nos fornece ainda outra evidência de que as *Memórias do Cárcere* são de certa forma o livro sobre a vida na cadeia que o autor não chegou a concluir. Que era o fato do escritor nunca se referir às memórias como *Memórias do Cárcere*, mas como o livro da cadeia.

TERCEIRO CAPÍTULO

3 Graciliano Ramos em confissão

Como memória autobiográfica de um escritor, as *Memórias do Cárcere*, escritas no final da vida, apresentam-se como um balanço final da obra e da vida. São, portanto, memórias do autor, memória literária e memória política.

A memória, no entanto, é também autobiográfica e conseqüentemente parenta da ficção, e dessa maneira a obra adquire um aspecto híbrido como assinalamos ainda no segundo capítulo.

O que importa nelas, não é primordialmente a vida individual de Graciliano enquanto autor-personagem, mas a situação política social chamada de “Página do fascismo tupinambá”, que poderia, segundo o autor ter sido escrita por vários companheiros “mais capazes”. E dessa maneira, o que fica aí acentuado é o ser de uma coletividade, e isto porque o que se narra é a vida da prisão, a ditadura, a situação político-social do Brasil durante a ditadura de Getúlio Vargas.

Assim, a obra atinge uma dimensão pública e, segundo Luiz Costa Lima e Phillipe Lejeune em *História, Ficção. Literatura e O pacto autobiográfico*, respectivamente, por ter essa dimensão pública, elas se enquadram melhor no gênero memória e não autobiografia.

No entanto, uma questão merece ser levada em consideração: embora a justificativa para a escrita dessas memórias não seja a vida individual de Graciliano Ramos, e sim o momento histórico da ditadura, o que podemos observar nelas é o relato pessoal do autor sobre o momento histórico conhecido como ditadura Vargas, e é na sua perspectiva que a história é contada, e assim a obra acaba tendo muito de autobiografia, tanto que às vezes parece que o aspecto autobiográfico ultrapassa o memorialístico.

Se não ultrapassa, pelo menos não justifica a afirmação de Graciliano de que suas memórias poderiam ter sido escritas por “outros mais capazes”, porque desde o início da

prisão até o final da obra que é exatamente o final da prisão, as memórias são altamente subjetivas, autobiográficas, literatura íntima.

Embora comumente as *Memórias do Cárcere* se enquadrem no gênero memória, por ser uma memória oficialmente vinculada a um determinado período histórico, e que tem como justificativa a prisão ocasionada por uma ditadura, nesse trabalho acreditamos, a partir de Luiz Costa Lima, que elas se inserem mais adequadamente no conceito de híbrido duplo: memória, autobiografia e ficção, como assinalamos ainda no segundo capítulo.

Mas como também pudemos constatar, Costa Lima acredita que dentro desse conceito de híbrido duplo, a memória deve ser considerada como a base maior, a mais nítida e observável quando, por exemplo, o autor vai criar ficção sobre elas. Mas de nossa parte acreditamos que em muitos pontos a autobiografia das *Memórias do Cárcere* quase chega a prevalecer sobre o aspecto memorialístico. E isso não é de todo uma impressão, levando-se em consideração a marcante subjetividade presente na obra, que faz com que ela se torne também ficção.

Para nos ajudar a compreender essa questão, é válido mencionar que Fellipe Lejeune em *O pacto autobiográfico*, (1975,p.14) afirma que as categorias “autobiografia”, “memórias”, etc. não são fechadas e que, embora o assunto da autobiografia seja a vida individual, a crônica e a história política podem ter lugar aí. E que a questão é de proporção e de hierarquia.

Assim, fica mais fácil compreender o que acontece com o texto das *Memórias do Cárcere*. E para que fique mais claro ainda, e não corramos o risco de sermos contraditórios nesse trabalho, é válido lembrar que ainda no início dessa análise, mais precisamente no primeiro capítulo, nos referimos às considerações teóricas de Le Goff e Michael Pollak, quando estes nos afirmam que por mais que a memória parece ser um fenômeno individual, algo extremamente pessoal, ela deve ser entendida, sobretudo como coletiva.

Talvez por isso é que Costa Lima, dentro do conceito de híbrido duplo, afirme que a memória deve ser a base maior a ser considerada quando, por exemplo, o autor vai criar ficção sobre ela.

Mas todas essas questões que trouxemos até agora e que evidenciam a complexidade da natureza das memórias de Graciliano, é para dizermos que a partir de agora, ou seja, ao longo

desse terceiro capítulo, iremos nos deter naquilo que consideramos como o aspecto autobiográfico presentes no texto das *Memórias do Cárcere*.

E sobre o gênero autobiográfico, define Fillipe Lejeune: “Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando atribui importância a sua vida individual, em particular sobre a história de sua personalidade.” (LEJEUNE,1975,p-14)

Lejeune procura inferir o que, nesta definição, permanece restrito à autobiografia, se a compararmos com outras modalidades de narrativa que guardam, com ela, alguma semelhança: com as memórias, a biografia, o romance pessoal, o poema autobiográfico, o diário íntimo e o auto-retrato ou ensaio. E desta comparação resulta que a autobiografia é *principalmente* uma narrativa, com perspectiva retrospectiva e cujo assunto tratado é a vida individual; e implica *necessariamente* a identidade entre autor, narrador e personagem.

Principalmente e necessariamente significa dizer que os três elementos podem não constar em todas as páginas de uma autobiografia, sendo apenas predominantes, mas que a identidade entre autor, narrador e personagem é condição indispensável a uma autobiografia, consolidada no pacto autobiográfico: a identidade entre o nome exposto na capa e na folha de rosto (um nome que equivale a uma assinatura) e o nome que o narrador se dá como personagem principal, acrescida na maioria das vezes da indicação, na capa, na folha de rosto, nas orelhas e na contracapa, de que se trata de uma autobiografia. O pacto autobiográfico se dá, então, quando a identidade entre autor, narrador e personagem é assumida e tornada explícita pelo autor, ao contrário do pacto romanesco, por exemplo, que é a declaração daquela identidade e atestado do caráter de ficção.

É por isso também que uma autobiografia nunca pode ser anônima, pois lhe faltaria assim o nome do autor, daquele que atualiza o pacto.

E, como contraprova dessas afirmações, Lejeune aponta o fato do leitor muitas vezes procurar a ruptura de tais contratos: por um lado, julga encontrar, na ficção, semelhanças entre o texto(os personagens, as situações) e a vida do autor e, por outro, na autobiografia, busca informações e “furos” que atestam a não correspondência entre autor, narrador e personagem.

Entretanto, se o pacto autobiográfico confere à identidade entre autor, narrador e personagem um caráter manifesto, isso não significa dizer, ainda segundo Lejeune, que, no nível do discurso, não haja diferenças entre as três figuras. Dentro do texto, narrador e

personagem remetem, respectivamente, ao sujeito da enunciação e ao sujeito do enunciado: o narrador narra a história e o personagem é o sujeito sobre o qual se fala. Ambos, porém, remetem ao autor, que passa a ser então o referente fora do texto.

Do ponto de vista da relação entre autor e narrador teríamos uma identidade clara, assumida, que se manifesta no presente da enunciação: é o autor que escreve aquelas linhas; é ele que narra, no momento presente, a história. Já entre autor e personagem o que teríamos não constitui identidade, mas antes, uma relação de *semelhança*, uma vez que o sujeito do enunciado (personagem), apesar de inseparável da pessoa que produz a narração (o autor-narrador), dela está afastado, o que se compreende principalmente ao verificar a distância temporal entre o presente da enunciação e o relato de acontecimentos passados. É por isso que, do ponto de vista do enunciado, o pacto autobiográfico prevê e admite falhas, erros, esquecimentos, omissões e deformações na história do personagem; possibilidades, aliás, que muitas vezes o autor mesmo num movimento de sinceridade próprio às autobiografias e memórias assumi: escreverá sobre sua vida aquilo que lhe é permitido, seja em função das vacilações de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento.

Essa espécie de “declaração de princípios”, mesmo não expressa, faz parte do contrato autobiográfico com o leitor e diferencia a autobiografia dos demais textos referenciais, uma vez que a exime da semelhança estrita ao referente, afastando assim a necessidade de uma prova de verificação do que foi enunciado ainda segundo Felliipe Lejeune.

É válido ressaltar, contudo, que o gênero autobiográfico ainda é alvo de restrições. Geralmente é reduzido à qualidade de documento, fato que na maioria das vezes o restringe ao âmbito da historiografia(onde também sofrerá restrições), e não ao da literatura, como nos lembra Raquel Rolando Souza em *Faces doNarrador*, que nos evidencia ainda, que a crítica brasileira tem esquecido a essência das escritas autobiográficas, qual seja, a formação de um discurso híbrido, que se realiza a partir de um discurso intervalar entre a historiografia e a ficcionalidade:

A literatura brasileira, como instituição que propõe um cânone que a represente, não leva em consideração uma série de elementos constituidores do gênero autobiográfico e, sintomaticamente, exclui os textos sobre a chancela da *autobiografia*. Entretanto, na contramão desse posicionamento restritivo, a própria Literatura se encarrega de fornecer respaldo para que repensemos as categorias de gêneros, tradicionalmente tidos como “literários” e “não-literários” (SOUZA,2003,p-126)

É o que vem fazendo, por exemplo, o teórico Luiz Costa Lima como pudemos observar na síntese que fizemos de seu pensamento no segundo capítulo desse trabalho.

Mas voltando as considerações de Raquel, esta nos afirma ainda que na época da formação de nossa literatura, isto é, sua consolidação a partir do Romantismo, alguns escritores começaram o exercício aparentemente desprezioso de narrar suas próprias vidas. E que no século XX a nossa literatura já estava forjada, e é justamente na vigência da modernidade que o gênero autobiográfico alcança realizações exitosas. E assim, surge nomes como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Augusto Meyer, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, que consolidaram em seus extratos literários esse tipo de escritura.

Verena Alberti, em *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*, por sua vez, evidencia que, como narrativa centrada no sujeito que a cria, simultaneamente ponto de partida e objeto do texto, a autobiografia parece ser a atualização do “indivíduo moderno” no espaço da literatura.

É como se, ao lado da poesia, do romance, da peça teatral, da crônica, enfim, se reservasse, àquele indivíduo, as suas reflexões e experiências particulares, um gênero literário específico, que permitisse a expressão de sua unidade e autonomia.

Historicamente, inclusive, a sintonia entre autobiografia e o “sujeito moderno” é confirmada pelo marco inicial a que se costuma atribuir o “nascimento da autobiografia”: *as Confissões* de Rousseau, texto a qual, se costuma atribuir que, pela primeira vez, o eu se fala na intimidade e se põe a nu, à disposição do julgamento dos leitores ainda segundo Verena Alberti.

Mas passemos finalmente ao texto das *Memórias do Cárcere* para que possamos reconhecer nele os aspectos autobiográficos da obra.

Como fizemos questão de evidenciar no segundo capítulo desse trabalho, a primeira e terceira parte das memórias são aquelas que consideramos como as mais ficcionais. Dessa maneira, sendo a ficção parenta da autobiografia, conseqüentemente acreditamos que os aspectos mais autobiográficos da obra, ou seja, onde Graciliano mais nos revela traços de sua personalidade, estejam exatamente nessas duas partes. Isso não quer dizer, contudo, que na segunda e quarta parte do relato memorialístico Graciliano não acentue também traços de sua personalidade. Mas sem dúvida, onde ele nos revela maiores detalhes de sua natureza são naquelas duas partes, e isso talvez se explique pelo fato de ter sido exatamente no Porão do navio Manaus e na Colônia Correccional, os lugares onde o escritor passou pelas maiores humilhações e atrocidades do cárcere, chegando dessa forma aos limites de sua condição de ser humano, levando-o dessa maneira a se revelar completamente, de tal forma que o escritor chega mesmo a nos contar detalhes extremamente negativos de sua personalidade.

O que nos chama atenção na autobiografia de Graciliano Ramos é que ela foge exatamente daquele padrão oficial de escrita autobiográfica, onde o autor, via de regra, está mais interessado em se vangloriar, apresentar-se como herói, ou envaidecer-se de qualquer maneira, como já enfatizamos anteriormente. Assim, parece que o autor vai na contramão do que o gênero autobiográfico preconiza, e isto porque em momento algum ao longo do texto das memórias ele parece atribuir importância significativa a sua vida individual, ou em particular à história de sua personalidade. Pelo contrário, ao longo dos dois volumes das *Memórias do Cárcere* podemos conhecer um pouco mais da personalidade do escritor que vai aos poucos se revelando uma pessoa extremamente ansiosa, racista, homofóbica, mal-humorada, e que fumava excessivamente sem se alimentar adequadamente, o que fez com que ele adoecesse em vários momentos do cárcere.

E dessa maneira, quando no capítulo-prefácio das memórias o escritor nos afirma que não usará de falsa modéstia em texto e que se esgueirará para os cantos para que outros possam patentear-se, não é de forma alguma um exagero ou mentira, é o que de fato nos deparamos na leitura da obra.

O racismo do escritor alagoano é sem dúvida um de seus aspectos pessoais mais evidentes nessas memórias. E é claro que quando decidimos tratar dessa questão nesse

trabalho, teríamos que ter o cuidado de não querer interpretar a obra e o escritor a partir das atuais conquistas que as políticas públicas destinadas aos negros e ao combate ao racismo vêm conquistando, e que teríamos que levar em consideração a época em que o escritor se encontrava quando estava escrevendo suas memórias e, também sua formação cultural.

Mas é indiscutível que o escritor era racista e que nos anos 50 já havia luta contra esse tipo de preconceito.

E o próprio Graciliano Ramos nos dá prova disso, ou seja, de que já havia luta contra o racismo, quando, ainda no capítulo 3 da primeira parte, ele se posiciona como não racista em conversa com uma das visitas que recebeu em casa antes de ser preso:

Calçados e vestidos pela caixa escolar, os garotos se haviam apresentado com decência. Lembrava-me da lufa-lufa necessária para modificá-los, ri-me pensando em Flora Ferraz sentada no chão, às oito horas da noite, a experimentar sapatos em negrinhos. Avizinhando-me dela, repelira-me com raiva:- ---O senhor tem coragem de me dar a mão? Estou suja. Desde a manhã aqui pegando os pés destes moleques!

Quatro dessas criaturinhas arrebanhadas nesse tempo, beíquidas e retintas, haviam obtido as melhores notas nos últimos exames.

– Que nos diriam os racistas, d. Irene? (RAMOS,1986,p-47)

Essa citação é extremamente importante para o que estamos tentando evidenciar, ou seja, que já havia a noção de racismo. Então Graciliano não era inocente até porque ele se posiciona como não racista ao questionar a professora o que diriam os racistas. Mas ao longo da leitura da obra não é bem isso que constatamos, muito ao contrário, nos deparamos com um Graciliano extremamente preconceituoso, que sempre ao se referir a um negro (fato que acontece todo o tempo nas memórias), o escritor não menciona a palavra rosto, mas focinho, e não olhos, mas bugalhos.

A primeira cena de racismo nas *Memórias do Cárcere* aparece quando Graciliano, ainda no Porão do Manaus, tenta dormir, mas o barulho feito pelos seus vizinhos não o deixa

descansar, daí o escritor irritado passa a se concentrar na figura de um homem negro que não cessava de coçar a sua genitália, e o narrador menciona:

Os olhos arregalados, sempre afumar, serenamente. Absurdo. Havia uma queda, vertigem, torvelinho, que nenhum gesto revelava. Pareia-me observar o interior de outra pessoa. Julgo que na verdade estive doido. Nessa loucura fria indivíduos e objetos diluíram-se, inconsistentes. E afinal apenas distingui um braço escuro, cabeludo, grosso, um negro bestial, de focinho dormente, a coçar os escrotos. (RAMOS,1986,p.132)

Em seguida, as cenas de preconceito se repetem em inúmeras passagens das memórias e no capítulo 24 temos mais uma nítida evidência: “Despertaram-me a curiosidade uma família de mulatos, cinco irmãos de cores variadas: havia um sujeito mascavo, de carapinha, beijudo, e uma louraça bonita, perfeitamente branca”. (RAMOS,1986,p-161)

Ao afirmar que a loura era *perfeitamente* branca, Graciliano já disse tudo. E nesse mesmo capítulo o escritor narra ainda a tentativa de comunicação que ele tentou estabelecer com um negrinho no cais do porto da cidade de Salvador.

Graciliano desejava enviar um recado ao escritor baiano Jorge Amado, e de dentro do Manaus ele joga um papel enrolado em cascas de laranja para o menino que o observava de fora, e sobre o resultado frustrado menciona:

Trabalho perdido. Inúteis os brados e os acenos. Calei-me zangado comigo, por me haver iludido à toa, furioso com o animal, que não me entendera e, alheio ao guindaste, e aos visitantes, aos passageiros, aos carregadores, continuava a farejar o porão, como um rato, erguendo o focinho, dirigindo-nos os bugalhos claros. O risinho insignificante, a hesitação, os modos oblíquos, tinham-se esvaído. Estivera imóvel um minuto, fingindo escutar-me, a face obtusa contraída numa careta. [...] Nessas idas e vindas passava perto da laranja, e eu quase me persuadia de que ia abaixar e apanhá-la. Mas me achava diante de uma estupidez maciça. (RAMOS, 1986, p-163)

Graciliano se refere à criança negra como um animal, cujo focinho não parava de farejar e que estava diante de uma estupidez maciça. Talvez estupidez maior foi a do próprio escritor ao imaginar que um garoto que vivia zanzando num cais, provavelmente atrás de algum trocado, fosse imaginar que nos restos de uma laranja havia um bilhete para ser entregue a Jorge Amado sem nenhuma recompensa em troca.

E como a memória não é nada linear, como fizemos questão de evidenciar neste trabalho, e que Graciliano estava sempre lembrando ainda no cárcere cenas já vivenciadas, a presença do homem negro que vivia a coçar a genitália continuava na memória do escritor, que se refere ao negro mais uma vez da seguinte maneira. “Felizmente a visão obscena, o preto sem-vergonha a coçar, a repuxar as pelancas nojentas desaparecera. A tromba safada e lorpa sumira-se; às vezes, me aborrecia voluntariamente a procurá-lo em vão.” (RAMOS,1986,p-178)

“Preto sem-vergonha”“tromba safada”, definições altamente racistas para uma pessoa que nem tinha consciência de que estava sendo observada pelo escritor quando estava na intimidade de seu leito.

Graciliano Ramos, nessas memórias está sempre relatando as suas simpatias ou antipatias com as pessoas que ele ia conhecendo no cárcere. É assim, por exemplo, o que ocorre com a figura de Amadeu Amaral Júnior, um dos intelectuais que estava também preso, e que no capítulo 6 da quarta parte o escritor menciona como um dos presos políticos que caíra na vaidade de se intitular escritor, ao comentar uma “epidemia literária” no cárcere.

O escritor alagoano definitivamente não simpatiza com a figura de Amadeu Amaral Júnior, mas afirma que ele era: “um perfeito exemplar da raça nórdica, superior. Olhos azuis, músculos rijos, pés enormes nos tamancos sujos, barulhentos.” (RAMOS, 1986,p-479)

A antipatia que o escritor sente por Amadeu Amaral Júnior é a mesma que ele sente pelo homem negro que se coçava, no entanto, Graciliano não rebaixa a imagem deste ao contrário do que faz com aquele. E ao contrário, afirma que ele era de uma raça superior por ter olhos azuis e músculos rijos.

No entanto, os capítulos nas *Memórias do Cárcere* que mais evidenciam o extremo racismo do escritor alagoano são os de número 10 e 17 da quarta parte do livro.

Graciliano narra que o seu debilitado estado de saúde ocasionado pelos longos dias em jejum o fez parar na enfermaria da cadeia, onde se encontrava também encarcerada e médica alagoana Nise da Silveira.

Os então amigos viviam a jogar craproud para matar o tempo na prisão e Nise da Silveira, assim como outrora Graciliano Ramos, tinha um grande amigo que era ladrão, e que sempre estava ao lado dela, principalmente durante as partidas de craproud, como nos relata nessa passagem da obra:

Fui lavar-me. Ausência de chuveiro. Apenas uma bacia de água morna e um caneco. Ao sair, encontrei Nise sentada à mesa com dois baralhos-----Você sabe jogar craproud ?

Eu não sabia.

– Então vai aprender

E deu-me as primeiras lições do jogo que me iria desviar das letras nacionais. Arranjando as cartas, fornecia-me as regras com paciência, às vezes falava a um preso comum atento à partida, negro, pequeno, de focinho impudente, inclinado a familiariza-se. Embirrei com o tipo, abomino liberdades, mas Nise estava sempre a desenvolver-lhe a partida e a fazer-lhe perguntas. [...] Não busquei dissimular a antipatia; as amabilidades de Nise ao negro chateavam-me. (RAMOS,1986,p.495)

É no capítulo 18, no entanto, que Graciliano chega ao extremo de seu racismo:

Atenazavam-me as brincadeiras dela, exposta ao negrinho descarado, horrivelmente feio. Uma espécie de macaco, e às vezes me espantava de que o mostrengo pudesse falar. A cabeça era uma insignificância, os dedos curtos e nodosos mexiam-se como se estivesse a manejar um revólver (RAMOS, 1986,p-515).

Mais adiante, ainda no mesmo capítulo relata:

Como diabo se interessa você por um tipo como esse?

– Nise continuava a rir e atacar-me. E pai João andava em roda, aos pulinhos, rombo e torpe a grunhir, repetindo as palavras dela.

Uma vez não me contive:

- Sabe que não gosto dessas intimidades?
- Hem? Fungou o animal desfranzindo o riso parvo.
- Não gosto disso. É bom vivermos separados.
- O focinho de pai João tomou pouco a pouco uma dureza fria, a boca apertou-se com ódio, os olhos miúdos fuzilaram. O negro deu-me as costas em silêncio e nunca mais o vi. (RAMOS, 1986,p-516)

As citações são bastante claras e evidenciam um Graciliano que apesar de ser comunista e desejar o fim do capitalismo, a reforma agrária, entre outras mudanças no país, guardava um preconceito antigo, tão arcaico quanto os outros problemas estruturais do país que ele desejava ver se transformar em algo diferente. De nossa parte, ao nos colarmos na situação de fazer uma análise da obra era inevitável não evidenciarmos tal questão, exatamente o que não fez Ricardo Ramos na biografia que escreveu sobre o pai, onde tenta negar esse aspecto da personalidade do pai, como se isso fosse de alguma forma diminuir as qualidades dele como escritor. Talvez diminuam como ser humano que foi, mas de modo algum como escritor.

Dessa forma, ao se referir às traduções que Graciliano fazia, Ricardo Ramos menciona na biografia especificamente a tradução de um livro intitulado *Memórias de um negro*, de um escritor norte-americano chamado Booker Washington.

Ricardo Ramos menciona que o livro se tratava das reminiscências de um homem de ação, com uma vida rica, movimentada, que pôde realizar muito e em várias direções, fundando inclusive a primeira universidade norte-americana para negros. E que o livro revelava uma personalidade cheia de facetas, mas intensa. E que Graciliano fez a chamada tradução livre, ou seja, se não gostava, mudava, endireitava, suprimia. Aqui e ali adaptava, resolvendo melhor. E Ricardo Ramos menciona que Graciliano afirmou que:

- Tive de cortar muito, quase acabei com dois capítulos. Imprestáveis. O homem vinha direito, umas observações ótimas, mas de repente se estrepava todo: Negro burro. (RAMOS,2011,p-139)

A questão não está em chamar alguém de negro, o problema são exatamente esses adjetivos que aparecem junto à palavra negro, tais como burro, safado, isso é que revela o racismo.

E em seguida Ricardo menciona ainda:

Ao recordar isso, fico pensando se o fato não contribuiu para certas afirmações imprevistas que surgiram algum tempo atrás, como a de um Graciliano racista. Interessante, de tão inesperado. Mas o que dizer? O curioso é que ele traduziu à sua maneira o negro norte norte-americano, escreveu uma crônica sobre a personagem, com indisfarçada admiração pelo homem, inegável interesse pela obra, apesar de o tipo examinado lhe mostrar certa “indigência interior”. Alguma coisa o desgostava na figura de Booker Washington. (RAMOS,2011,p-139)

É inegável que Ricardo Ramos enquanto filho de Graciliano tente apagar esse traço da personalidade do pai. Mas a revelação, dessa situação com o escritor norte-americano nesse trabalho só vem somar áquilo que já viemos apontando em inúmeras citações de trechos das *Memórias do Cárcere*. E é tão provável que Ricardo quer negar esse aspecto do pai que, por exemplo, ele não menciona na biografia nenhuma das cenas de racismo às quais nos referimos, mas por outro lado, querendo dizer que o escritor não era racista, ele cita na biografia aquela passagem das memórias, que também colocamos nesse trabalho, do encontro do escritor com a professora quando ele pergunta a ela o que dirão os racistas quando observarem o número de crianças negras matriculadas na rede escolar, ou seja, exatamente quando o escritor se posiciona como não racista.

Mas deixando a questão do racismo de lado, outra fato que nos chama atenção na leitura dessas memórias e que evidenciam como Graciliano parece ir na contramão do que preconiza o gênero autobiográfico, e isto porque ele está sempre revelando traços negativos de sua personalidade, é a extrema aversão que tinha o escritor pelos homossexuais.

Em diversas passagens da obra o escritor faz referência ao homossexualismo reinante na cadeia e ao exagerado nojo que ele sentia pelos pederastas, os tipos que apresentavam o desvio, segundo o escritor.

O narrador menciona na segunda parte das memórias, mas precisamente no capítulo 10, que essas coisas antes completamente inexistentes em sua vida iam surgindo pouco a pouco no cárcere: insinuavam-se venciam resistência, mas que embora tentasse explicá-las, aceitá-

las, a dúvida permanecia. E que à força das repetições, era possível chegar a admiti-las, pelo menos como possíveis à natureza humana, contingente e vária, capaz de tudo, até que viessem negá-las “enviar-nos à sociedade razoável, acomodada, sóbria, ignorante daqueles horríveis desvios” (RAMOS,1986,-p308).

Mas embora Graciliano assuma que sentia nojo pelos homossexuais, parece, entretanto, que o escritor era mais maleável para com esses homens do que para com os negros pois, no mesmo capítulo 10 ele nos relata que as suas conclusões a respeito do caso eram na verdade incompletas e move-diças, pois faltava-lhe examinar aqueles homens, buscar transpor as barreiras que lhe separavam deles, vencer o nojo exagerado, sondar-lhes o íntimo, achar lá dentro coisa superior às combinações frias da inteligência.

Graciliano se questiona ainda porque deveria desprezá-los ou condená-los, e afirma que se tais tipos existiam era o suficiente para serem aceitos:

A nossa obrigação é analisá-los, ver se são intrínsecos à natureza humana ou se são superfetações. Preliminarmente lançamos opróbrio àqueles indivíduos. Porquê? Porque somos diferentes deles. Seremos diferentes, ou tornamo-nos diferentes? Além de tudo ignoramos o que eles têm no interior. Divergimos nos hábitos, nas maneiras, e propendemos a valorizar isso em demasia. Não lhes percebemos as qualidades, ninguém nos diz até que ponto se distanciam ou se aproximam de nós. Quando muito chegamos a divisá-los através de obras de arte. É pouco, seria bom vê-los de perto sem máscaras.

Penso assim, tento compreendê-los e não consigo reprimir o nojo que me inspiram, forte demais. Isto me deixa apreensivo. Será um nojo natural ou imposto? Quem sabe se ele não foi criado artificialmente, com o fim de preservar o homem social, obriga-lo a fugir de si mesmo? (RAMOS,1986,p-311)

Essa citação revela um equilíbrio assombroso, pois, embora o escritor assuma que era preconceituoso, que sentia nojo demais desses homens, ele se questiona até que ponto o preconceito é uma construção social, coisa que, por exemplo, ele não faz em relação aos negros, ou seja, em momento algum ele percebe o preconceito de cor também como uma coisa imposta e construída e, portanto, passiva de ser questionada e destruída.

No capítulo 20 da terceira parte, mais uma vez Graciliano menciona a relação dúbia que o “desvio” lhe causava: ao mesmo tempo em que sentia nojo, sentia também pena, tentava reprimir seu preconceito.

Graciliano relata nesse capítulo a figura de um faxina altamente afeminado que, vendo o seu estado de saúde bastante fragilizado, insiste ao ponto de chorar para que Graciliano se alimente.

O autor menciona que a amabilidade excessiva provocara-lhe uma sensação de moléstia e que sua náusea crescia; ignorando a sensação daquilo e que desejava afastar-se e esquecer a brandura pegajosa, ao mesmo tempo em que se achava um ingrato. “Na verdade era impossível transformar-me, vencer o nojo que esses desvios me causavam. Era um nojo profundo, e em vão buscava livrar-me dele”. (RAMOS,1986,p.389)

No capítulo seguinte, Graciliano menciona que não conseguiu voltar ao refeitório, isso significava mais dias sem se alimentar, algo que vinha acontecendo desde o porão do Manaus, e que se agravara na Colônia Correccional entre outras coisas, devido ao fato da maioria dos faxinas que cuidavam da alimentação serem homossexuais.

Já no capítulo 7 da quarta parte, menciona Graciliano: “Necessário justificá-los. Mas isso ficava sem explicação, e afastava-me dos corpos imundos com excessivo nojo, esforçava-me por vencer a repugnância. (RAMOS,1986,p-481)

É válido ressaltar que, mesmo com todas essas explícitas evidências da aversão de Graciliano aos homossexuais, mais uma vez Ricardo Ramos na tentativa de apagar mais esse traço da personalidade do pai, menciona na biografia *Graciliano Ramos: retrato fragmentado*:

Apesar de que li, em algum lugar, não lembro de quem, ter ele uma aversão, incontrolável, aos homossexuais. A ponto de lavar as mãos quando cumprimentava um deles. [...] Sei que respeitava, ou respeitava escritores tidos ou havidos como pederastas (era o termo usado). Fazia tempo, mencionava nomes. Ao que tudo indica, não se incomodava com a variação de comportamento, naquela época bem pouco ou nada exteriorizava. E ele, naturalmente, continuava lavando as mãos. Não por repugnância por este ou àquele, antes por sistema. (RAMOS,2011,p-126)

Parece que Ricardo Ramos não leu direito as *Memórias do Cárcere*, pois são exatamente nelas onde o autor mais evidencia sua aversão aos homossexuais. E essa segunda tentativa de apagar traços negativos de Graciliano na biografia que escreveu sobre o escritor alagoano, revelam que, ao contrário do pai, que em suas memórias autobiográficas não tem a preocupação de apresentar-se como perfeito exemplar de ser humano, Ricardo Ramos cria uma imagem de Graciliano na biografia totalmente adequada ao que lhe parecia conveniente apresentar sobre o pai.

E essa defesa que Ricardo Ramos tenta fazer do pai em dois momentos diferentes da biografia acaba sendo completamente inadequada quando temos acesso à leitura da obra e podemos constatar o que ele tenta apagar.

Mas isso é algo compreensível levando-se em consideração o grau de parentesco que havia entre ambos. E Ricardo Ramos com certeza na condição de filho não desejaria ver o pai sendo apontado como racista e homofóbico, e, dessa maneira parte em sua defesa.

Outro aspecto que nos chama atenção na leitura das *Memórias do Cárcere* ainda no tocante à personalidade de Graciliano Ramos, e que nos é relatado nessas memórias, é o nível de ansiedade e a falta de amor próprio que o escritor nos demonstra. É lógico que não podemos esquecer que o livro não se trata das lembranças de umas férias, ou de outra coisa muito interessante, e sim das atrocidades sofridas durante pouco mais de um ano de prisão, mas é inegável como o escritor se revela em diversas passagens da obra como uma pessoa completamente desequilibrada.

O desequilíbrio e a ansiedade de Graciliano já começam a ser narrados ainda no início da obra, quando o escritor, por exemplo, chega a desejar a prisão como uma maneira de libertação. Em seguida, nos capítulos, nos deparamos com a pressa do escritor de narrar, ou melhor, redigir as notas sem a menor condição psicológica e muito menos material, acrescentando-se a isso a completa inanição em que se encontrava.

O narrador menciona que ficou durante vários dias sem ingerir um alimento se quer, e que, além disso, fumava tão excessivamente que num determinado momento para controlar o número de fósforos que a todo instante acabavam e era necessário recorrer aos faxinas para que comprassem, passou a acender um cigarro com a ponta do outro.

Graciliano não tinha ainda a exata noção do que estava lhe acontecendo e já no porão do navio, sem se alimentar, com a saúde bastante fragilizada e fumando excessivamente, insiste em continuar escrevendo coisas completamente indefinidas como ele mesmo nos relata em uma passagem. E assim, parece que o escritor traiu um dos maiores princípios da sua condição de escrita que era a observação. Antes de observar, olhar com tranquilidade o que estava lhe acontecendo, analisar os tipos e seus caracteres, ele se adianta em escrever.

No próprio texto das memórias em diversas passagens, como, por exemplo, na cena em que Graciliano critica José Lins do Rêgo pela segunda vez, por escrever coisas de “uma prisão distante”, ou seja, escrever coisas não vividas, o escritor repete mais uma vez que não se atreve de maneira alguma a escrever a “coisa não observada e sentida”.

No entanto, quando lemos as memórias, temos a impressão de que Graciliano não obedece a esse princípio da sua atividade de escritor, pois em momento algum ele parece disposto a viver, observar e sentir o que lhe está acontecendo, para só depois em seguida escrever. Ao contrário, ele nos revela exatamente o oposto: indisposição, um acentuado mal humor, impaciência com os demais encarcerados, uma completa insensibilidade e muita resistência em se entregar à situação na qual estava inserido, mas mesmo assim, achava-se na condição de escrever, e criticar José Lins do Rêgo.

E Graciliano ao longo do texto das memórias, como havia prometido, continua se esgueirando para os cantos para que os que merecem, possam patentear-se. E continua de fato não se envaidecendo, antes parece nos revelar que tinha de si mesmo uma visão bastante inferior, pois nos relata que se considerava um escritor chinfrim, e um intelectual de segunda categoria que em nada se comparava a figuras como Rodolfo Ghioldi, o secretário do Partido Comunista Argentino que lhe causara profunda admiração e espanto no Pavilhão dos Primários pela sua excelente oratória, como também pela desenvoltura de fazer discursos na prisão apenas de cueca, quase nu, pois suas roupas haviam sido tomadas pela polícia, como menciona o narrador, e que, no entanto, enérgico e sereno dominava perfeitamente o assunto. Mas, quando tratava de si mesmo o escritor menciona:

Homem rural, desconfiado e silencioso, propenso a estender-me em longos monólogos, admirava-me do Coletivo, das lições, especialmente da perícia daqueles cidadãos na exposição de ideias, em conversas simples e claras. Não conseguiria manifestar-me assim. De ordinário a expressão me fugia,

decompunha-se o pensamento, e era uma tortura vencer a estupidez, procurar dizer qualquer coisa num vocabulário escasso, miserável. (RAMOS,1986,p-219)

No pavilhão dos primários o narrador nos relata que ficou admirado em conhecer aqueles grandes intelectuais. Graciliano menciona ainda a figura de Sérgio, um russo extremamente inteligente, “amigo de Einstein e da matemática”, e que o escritor quase morreu de vergonha quando o surpreendeu lendo um de seus romances na biblioteca organizada pelo Coletivo.

Graciliano inicialmente se sente tão inferior a essas pessoas, que ele está sempre fugindo às discussões políticas organizadas no cárcere, e não consegue iniciar uma conversa com elas, fato que só vai mudar algum tempo depois, quando, por exemplo, se torna amigo de Rodolfo Ghioldi e de Sérgio. Além disso, o escritor não participa da eleição do Coletivo. Se bem que no tocante à eleição, o escritor menciona que não participou por não querer assumir partidarismo na cadeia, coisa que ele evitava demais.

Outro aspecto que nos chama atenção nessas memórias autobiográficas é como a visão de Graciliano em relação a sua esposa vai se modificando ao longo do texto.

Inicialmente, como pudemos constatar, Graciliano se refere aos ciúmes excessivos de sua mulher que quase o lavavam à loucura e o fazem desejar o cárcere como princípio de liberdade.

Ainda preso, o narrador volta a mencionar esse ciúme excessivo, mas depois Graciliano confessa que a visita da mulher quebrava a monotonia da prisão, e ainda nos revela a surpresa que a desenvoltura dela em tentativas de ações de tirá-lo da cadeia, vai lhe revelando uma nova e surpreendente mulher, capaz de atos jamais imaginados por ele anteriormente.

Mocinha exígua, criada em rua modesta de capital vagabunda, com certeza se atarantava na cidade grande, encolhia-se muda. Enganei-me. [...] Essa capacidade estranha de orientar-se, como observei depois, de algum modo a aproximava também dos ladrões. Desconhecida e insignificante, iniciara em meu favor um trabalho de aranha, estendendo os fios em várias direções, e ainda hoje não sei se a impelia o desejo de me ser útil ou o prazer de mexer-

se, avançar, recuar, preparando a sua teia. Hospedara-se em casa de uns tios no Méier. Estivera no Ministério da Guerra, no Ministério da Justiça, no Palácio do Catete, falara a deputados e a generais, largava rápido a língua do nordeste e começava a adotar uma gíria burocrática singular, engando-se às vezes no sentido de algumas expressões. Estabelecera rapidamente comunicação com a família de José Lins. (RAMOS,1986,p-274)

Em outra passagem das memórias, o narrador declara:

Minha mulher ambientava-se depressa, naqueles encontros semanais estabelecia com as outras uma camaradagem barulhenta. Expunha-me notícias de ordem geral e entrava logo nas informações particulares. Modificava-se no meio estranho a filha do reacionário pobre e inconsequente, apêndice da justiça, temente a Deus e ao tribunal. Ignorando política, alheia à questões de classe, a devotinha das procissões, amiga de escapulários, torcia caminho, solidarizava-se com as companheiras e entrava resoluto a colaborar no serviço postalclandestino. (RAMOS,1986,p-288)

Essa mudança de opinião a cerca da esposa, que vai se revelando paulatinamente a medida que a leitura das memórias vai avançando, é sem dúvida um aspecto interessante de observar no texto das *Memórias do Cárcere*.

Graciliano se reavalia também ao perceber a mudança de comportamento da esposa, fato que acontece também, quando ainda na prisão do Recife ele recebe o oferecimento de empréstimo do Capitão Lobo, e nos afirma que aquele homem era mais revolucionário do que ele. Dessa maneira, o escritor pode rever o conceito que ele havia formado durante anos sobre os militares apenas como pessoas reacionárias. Ao contrário, o escritor nos revela sua surpresa com a atitude do Capitão, e com a diversidade da natureza humana capaz de atos jamais imaginados.

Graciliano em suas memórias não nos apresenta apenas seus preconceitos e fragilidade de espírito. Como mencionamos, na medida em que lhe era possível, o escritor também se questionava, procurando superar opiniões formadas, e buscando aprender com a diversidade que lhe surgia no cárcere entre os mais variados tipos humanos.

Mas foi até onde podia como qualquer ser humano, e esses preconceitos que o escritor nos revela em sua obra nos leva, por outro lado, também a questionar se ele não estava apenas querendo ser verdadeiro.

De qualquer maneira, a obra é de um valor insondável e esses aspectos assinalados não chegam a diminuir a beleza do relato e a maestria da composição dessas memórias, que conseguem ser ao mesmo tempo autobiografia e ficção.

CONCLUSÃO

A obra *Memórias do Cárcere* é sem dúvida de uma beleza e grandiosidade assombrosa.

O escritor Graciliano Ramos conseguiu transformar suas memórias autobiográficas em um livro que de certa forma assume o lugar de seu interesse original que era escrever o livro sobre a vida na cadeia, e assim, as memórias adquiriram um caráter nitidamente híbrido: memória, autobiografia e ficção.

Acreditamos que tentar estabelecer padrões rígidos de definições não são coisas muito interessantes quando lidamos com seres humanos e principalmente com criações humanas, que parecem sempre estar além de qualquer tentativa de rotulação.

Mas, por outro lado, como também necessitamos ter um mínimo de referência, evidenciamos que o conceito de híbrido duplo defendido pelo teórico da literatura Luiz Costa Lima parece ser aquele que está mais próximo de uma tentativa de definição da natureza do texto dessas memórias.

A memória é de fato a base mais nítida no texto do escritor alagoano, que, como frisamos, não tem como interesse principal relatar exclusivamente sua personalidade, embora inevitavelmente isso acabe acontecendo, pois, toda memória é também autobiográfica, e trata-se de um relato pessoal, embora o tema e a vivência tenham sido coletiva.

E dessa maneira, ao ser também uma autobiografia, Graciliano não foge à regra e cria em seu texto majoritariamente a imagem de escritor, tendo em vista que toda autobiografia requer a criação de uma auto-imagem, mas mesmo assim a obra é acentuadamente memória, principalmente porque Graciliano escolhe um determinado momento histórico caracterizado pela ditadura de Getúlio Vargas como o ponto de referência de onde o autor tem a possibilidade de rememorar toda a memória de sua vida pessoal e literária.

Mas sem dúvida os aspectos ficcionais são os que conferem maior charme e beleza ao relato. As cenas do porão do Manaus e as da Colônia Correccional são carregadas daquilo que Hermenegildo Bastos chamará de um reaproveitamento artístico da experiência vivida,

principalmente através das cenas de Graciliano tentando redigir suas notas e das façanhas do ladrão Gaúcho.

E dessa forma chegamos ao final deste trabalho que se propôs a constituir-se como uma análise dessa extraordinária obra que sem dúvida ainda tem muito a ser explorada.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos. São Paulo: Editora Nova cultural, 1999.
- ALBERTI, Verana. **Literatura e autobiografia**: a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4, n. 7, 1999.
- AZEVEDO, Luciene Almeida. **Autoficção e literatura contemporânea**. Revista Brasileira de Literatura comparada, n 12, 2008.
- BASTOS, Hermenegildo. **Memórias do Cárcere**: Literatura e testemunho. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1988.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo. Companhia das letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão** (ensaios sobre Graciliano Ramos). Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Visões de Graciliano**. In: Garbuglio, José Carlos. Graciliano Ramos, Ática, 1987.
- _____. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro. Editorial Alhambra, 1978.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: imago, 2005.
- CRISTÓVÃO, Fernando. **Graciliano Ramos**: estruturas e valores de um modo de narrar. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- GUINSBURG, J. **Degraus nas trevas**. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 2001.
- LE GOFF, Jaques. **História e memória**; tradução de Bernardo Leitão. Campinas. Editora Unicamp, 1990.
- LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo. Companhia das letras, 2006.
- _____. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Editora Francisco Alves, 1983.
- MARCHEZAN, L.M; TELAROLLI. **Faces do narrador**. (Graciliano Ramos e a coisa observada e sentida). Araraquara. Laboratório Editorial, São Paulo: cultura acadêmica Editora, 2003.
- MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**, São Paulo. Edusp, 1992.
- _____. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Publifolha, 2004.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5,

n.10, 1992.

_____. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989.

PORTELA, Eduardo. **Dimensões**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. São Paulo. Record, 1986.

RAMOS, Ricardo. **Graciliano Ramos**: retrato fragmentado. São Paulo, Globo, 2001.

SILVA-Seligmann, Márcio. **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas. Editora da Unicamp, 2003.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica; tradução de Hainganuch Serain. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1990

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: Ensaios sobre a crítica da cultura; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.